L 95 L
6

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

OS
DIALECTOS ROMANICOS OU NEO-LATINOS

NA

AFRICA, ASIA E AMERICA

8

POR

F. ADOLPHO COELHO

Professor do Curso Superior de Lettras e socio effectivo da Sociedade de Geographia de Lisboa

LISBOA

CASA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

89, RUA DO ALECRIM, 89

1881

L
50141

IMPRENSA NACIONAL

Extrahido do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa

OS

DIALECTOS ROMANICOS OU NEO-LATINOS

NA

AFRICA, ASIA E AMERICA

N'uma conferencia feita ante a Sociedade de Geographia em 16 de fevereiro de 1878 chamámos a attenção dos nossos consocios e do publico para as fórmas dialectaes particulares que algumas linguas europêas e particularmente o francez, o hespanhol e o portuguez, tinham tomado nas colonias e conquistas da Africa, Asia e America. Esses dialectos têem até hoje attrahido muito pouco a attenção dos linguistas, não existindo ainda nenhum trabalho geral sobre elles.

Era nosso desejo reunir os materiaes para um trabalho especial sobre os dialectos portuguezes, e um trabalho geral comparativo em que tentassemos determinar as leis de formação d'esses dialectos, formação que se póde por assim dizer estudar *no vivo*, porque um similhante estudo não poderia deixar de nos ministrar dados importantes sob os pontos de vista glottologico, ethnologico e psychologico.

Pedimos n'essa conferencia esclarecimentos, como já o tinhamos feito por outros meios, e os nossos pedidos não foram de todo inuteis. Um mancebo intelligente da ilha de Santo Antão, o sr. Cesar Augusto de Sá Nogueira, que assistira á conferencia, deu-nos todos os materiaes para o estudo que publicámos do dialecto crcolo d'aquella ilha. O nosso amigo rev. R. H. Moreton continuou nos seus dedicados esforços para nos obter publicações no dialecto portuguez do Ceylão, e a elle devemos em grande parte poder dar hoje uma bibliographia já assás consideravel d'essas publicações e, o que é mais, possuil-as, estando assim habilitados para publicar em breve um estudo bastante completo sobre a *Grammatica e vocabulario do indo-portuguez*. No meio de outros trabalhos mais consideraveis nunca perdemos de vista os dialectos crcolos, que havia muito nos interessavam, e fomos assim reu-

nindo uma serie de noticias, em parte simplesmente bibliographicas, cujo conjuncto nos parece offerecer já doutrina sufficiente para constituir materia de um artigo de ensaio. Por mais incompleto que fique o nosso trabalho estamos certos que vem preencher uma lacuna no quadro da glottologia. Fr. Pott no quadro systematico-bibliographico da glottologia que serve de prefacio ao tomo II, 4 das suas *Etymologische Forschungen* (1870) nem sequer menciona os dialetos creolos; nos livros geraes de Whitney, Max Müller e outros sobre a glottologia em vão se busca uma noticia d'esses tão interessantes productos; as opiniões expressas por alguns linguistas sobre o caracter d'esses dialectos, são, como veremos, indecisas ou erroneas, ou não apontam os lados por que esses dialectos são mais importantes para o observador. Comprehende-se este facto singular da historia da nossa sciencia quando se sabe que uma parte dos glottologos gastam o seu tempo á busca da solução de problemas ou insoluveis ou cuja chave não está ainda descoberta (etrusco, basco, acadiano, etc.), e outra anda absorvida pelos seus estudos especiaes, sem duvida interessantes e muitas vezes importantes, mas que fazem desviar a attenção de questões de muito maior momento, sendo poucos os que fazem progredir a sciencia de uma maneira sensivel.

O nosso ensaio seria muito mais completo se tivessemos maior numero de informações dos dialectos das nossas colonias e conquistas, e se tivessemos visto diversas publicações sobre os dialectos similhantes das outras linguas europêas, que por diversas causas não podémos examinar. Entre essas causas predominam a raridade de algumas d'essas publicações e miseravel dotação das nossas bibliothecas, que não lhes permitte comprar senão poucos livros que interessem a um pequeno numero de estudiosos.

I. DIALECTOS PORTUGUEZES

1. Creolo da ilha de Santo Antão (archipelago de Cabo Verde)

Este dialecto é fallado principalmente pela população de côr e pelas creanças que o aprendem com as creadas e amas negras. Distinguem-se duas fórmas: o creolo *rachado*, creolo *fundo*, creolo *vejo*, fallado principalmente no interior da ilha e de que as noticias e documentos que publicâmos dão conhecimento, e o creolo em que a grammatica portugueza é menos ignorada, distinguindo-se quasi unicamente pela pronuncia de algumas palavras ou sons e pelo accento geral.

As cartas seguintes foram escriptas por pessoas instruidas que fallam bem o portuguez, mas conhecem bem o creolo rachado. O unico documento verdadeiramente genuino do dialecto de Santo Anão acha-se na serie de adivinhações que o nosso amigo o sr. Sá Nogueira nos ministrou.

Carta 1.ª

Nha amigo.—Cu prássa en scrêbê ês dôs fója di papel, qui dentro d'ês carta en tâ manda nhô.

Talvêz algun cúsa, palabra, ou módo nhú crô, stâ êrrado. Cuza qu'en cá tâ dubída; pamóde pâ más criôlo qui nós di Cabo Berde nú sabê, sémpre nu tâ ncontra dificuldade ou cubaráço, quel'ora qui nú pêga na péna pâ nu scrêbê na nós lingua.

Ês culpa ê cá di nós, ê di gobérno, qui si al bê animaba nós na calquér cuza, ê tâ oprimíno cú má scoja di sês empregado, qu'ê tâ manda pâ Cabo Berde.

Ê tâ fazê bên mal, pamóde assi ê tâ pêrdê tudo amor, tudo stima qu'ê pôdê tên na pôbo di Cabo Berde. Ês cuza ê cá só na Cabo Berde, ê pâ tudo cábo, unde ê tên un palmo di chôn. En podê flába nhô cuzás chéo a ruspêto di nós gobérno na Cabo Berde, ¿ mas paquê? Ês carta ê cá, sima português tâ flâ, di politica, e pamóde ês cu tâ bira pâ principio di nós coubersa. Ê sima en staba tâ flâ nhô, en cá sabê si algun cuza stâ tórto ou mál screbêdo nês dôs fójas di papel; mas cá m'importa cú ês, e nhu ôubi cuss'ê qu'ent â flâ nhô: Na fója un e na linha binte cu binte un, nhu tâ lé na banda di criôlo «nha Dóna di nha Lucia» e na banda di português nhú cá tâ acha nada qui, sima português tâ flâ, tâ corrêspondêl.

Nhú sabê ê pamóde? Ê pamóde ês *Dóna* é un nóme qui na criôlo tâ chomádo «nome di cassa», e ê tâ custuma pôdo n'algun minino fémea. Ê pâ ês nóme que ês minino tâ chomado tioqu'ê grande, ou tioqu'ê mórró. Ês uso ê cá só di Cabo Berde, na Brazil tambê ê tâ usado, e assi mi conchê ghentes

Meu amigo.—Com pressa escrevi estas duas folhas de papel que dentro d'esta carta lhe envio.

Talvez alguma cousa, palavra ou como quizer, esteja errada. O que não duvido, porque por mais creolo que nós de Cabo Verde saibâmos, sempre encontrâmos difficuldade ou embaraço logo que pegâmos na penna para escrevermos na nossa lingua.

A culpa não é nossa, é do governo que longe de animar-nos em qualquer cousa, opprime-nos com a má escolha dos seus empregados, que elle manda para Cabo Verde.

Faz bem mal, porque assim perde todo o amor e toda a estima que póde ter no povo de Cabo Verde. Isto não é só em Cabo Verde é por toda a parte, onde elle tem um palmo de terra. Eu podia dizer-lhe muitas cousas a respeito do nosso governo em Cabo Verde, mas para que? Esta carta não é, como dizem os portuguezes, de politica, e por isso volto ao principio da nossa conversação. E como lhe estava dizendo, não sei se alguma cousa está errada ou mal escripta n'essas duas folhas de papel; mas não nos importemos com isso, e ouça o que lhe digo: Na folha 1 v. e linhas vinte e vinte um, na columna creola «nha Dona nha Luzia», e no portuguez não encontro nada que, como dizem os portuguezes, lhe corresponda.

Sabe a rasão? É porque Dona n'aquelle logar é um nome que em creolo se chama «nome de casa», e usa-se nas meninas (creanças). É por esse nome que ellas são chamadas até á maioridade ou até á morte. Este uso não é só de Cabo Verde, no Brazil tambem se usa, e assim conhecemos muita gente

chéo cú nome di Néné, Nhanhina, Nhánha, Sinhârínha, Nhásinhára, Júca, Jóca, sin sér sês nome di batismo, ou *sês nome di greja.*

Agora si nhú crê sabê cuss'ê qui Dóna crê flâ, en tâ flâ nhô, no portugués ê *avó* e Dóno ê *avô.*

A ruspêto di berbo, criôlo câ têu tudo qui português tâ choma *ténpo.*

Prónóme ê sima ja'n esplicá nhô na fója dôs. Na criôlo di Cabo Berde câ tên *bós* ou *abós* pâ *vós* di português, e ês tâ flâ *nhô,* o qu'ês tâ papiâ cú alguên só, e *nhôs,* o qu'ês tâ papiâ cú más d'un.

Agora *En, min, amin* ê quasi tudo ô mésmo, cú algun différença, cónfórme conbersa tâ córrê. Tanbê criôlo têu *mi.* Ex.:

En crê ês cuza.

Quênhê qui fazê ês cuza? Ê mi.

Amin en sâ tâ bá enghênho, ou Amin sâ tâ bá enghênho, ou En sâ tâ bá enghenho.

Jâ bástâ. Nhú al stâ enfadado. Agóra tioque nu encontra na biblióthéca.

Nhú acreditan, cum'amigo (*ou* sima'amigo) qui tâ respêta nhô chéo.

com os nomes de Néné.....
.....
..... e Joca sem serem os seus nomes de baptismo.

Agora se quizer saber o que quer dizer Dona, eu lhe digo, em portuguez é avó e Dono avô.

Emquanto a verbos, o creolo não tem tudo quanto o portuguez chama tempo.

O pronome é como já lhe expliquei na folha 2. No creolo de Cabo Verde só ha *bós* ou *abós* para o *vós* portuguez, e usam de *nhô* quando fallam a uma pessoa só, e de *nhôs* quando fallam a mais de uma.

Agora emquanto a *Eu, min, amin* é quasi tudo o mesmo, com alguma differença conforme o seguimento da conversação. Tambem o creolo tem *mi.* Ex.:

Eu quero esta cousa.

Quem fez isto? Fui eu.

Eu vou ao engenho.....
.....

Basta. Deve de estar enfadado. Agora até quando nos encontrarmos na bibliotheca.

Acredite-me, como amigo, que muito o respeita.

Carta 2.ª

Césa.—Pan fartá-bo bontade en tâ scrêbê-bo na nós lingua, na criôlo rachado, qu'en câ sabê si bô tâ entendê-le.

Flan: pâ que bô mestê pâ nû scrêbêbo nês lingua? Bô tenê gána di estudâ si origo, fazê algun gramatica ou dicionare? S'ê pâ algun dês cussa Deus juda-bos; mas dexam fla-bo mê al fazê-bo suâ tioque bu câ podê más, tioque bi seinti...

N'ês ija quasi tudo alguên tenê médo di Duco. Duco bu conchê-le?

Cesar.—Para vos fazer a vontade eu escrevo-vos na nossa lingua, em creolo fundo, que eu não sei se vós o entendeis.

Dizei-me: para que precisaes de que vos escrevamos n'esta lingua? Tendes desejo de estudar a sua origem, de fazer alguma grammatica ou diccionario? Se é para alguma d'estas cousas, Deus vos ajude, mas sempre vos direi que isso vos fará suar até não poderdes mais, até que o sintaes.....

N'esta ilha quasi toda a gente tem medo de Duco: Duco vós co-

Estan mâ náu. Duco era un préso que staba na calabôs; ê entendê mê câ stába lâ sábe, ê fugi êle cû dôs companheros; ô stâ riba cháda; tâ mátâ cábra, tâ forçâ mujéres, tâ fazê tudo casta di ponca borgonha. Flado mâ Duco manda flâ Henrique d'Olibéra, Puchim, Maia, Benceslâu pâ ês tomâ seintido cú sês bida, pâ ês câ bá fóra, pamóde se encontra cu êles mê tâ matalos. Fazê idéa mó ês al tênê mêdo!

P. si bida ê dentro cartore; ê stâ magro sima alguên tisgo; ê flâ mâ só bo que sâ tâ fazê-le falta; ê mandá-bo mantenha chéo.

Ti outr'ora; cu câ ten mâs tempo. Bo armun, etc.

nheceil-o? Estou que não. Duco era um preso que estava no calabouço; e entendeu que não estava lá bem; e fugiu com dois companheiros; está em cima da achada; mata cabras, força mulheres, faz toda a casta de ponca vergonha. Diz-se (fallado) que Duco manda dizer a Henrique de Oliveira, Puchim, Maia, Wenceslau para que estes tomem sentido com a sua vida, para estes não irem fóra, poisque se se encontra com elles que os mata. Fazei idéa como estes terão medo!

Paulo a sua vida é dentro do cartorio, elle está magro assim como um tisico; diz que sois vós que lhe tendes feito falta; elle manda-vos muitas recommendações.

Até outra occasião; eu não tenho mais tempo. Vosso irmão, etc.

Carta 3.ª

Nha estimado armun. En rêcêbê carta di nhô, qu'in fica munto contente cu êl, e pan fazê nhô bontade cu tâ cumçâ screbê nhô na criôlo. Primêro nobidade qu'in tâ dâ nhô ê cumâ C. mâ tâ recitâ quês berços di dôda de Albano na criôlo e ê tâ cunçal sin:

Benca li nha fijo suenta:
Bô ê amigo di bu mái?
Bé! nha mái, e que pergunta ê ês?
Pôs bên, sima bu ojá ês carnuja carnugado, ferucho ferruchado ê sangue di bu pai; i bu tâ juran cumâ bu ta bingal?
En tâ jura!
Ampôz ê Ricardo pai di Maria, qui matâ bu pai!
Bé! mamâi! Pai di Maria cu câ podê matal, pamóde Maria stan dento nha côraçon.
E assim cú munto cuza, mas qu'in câ sabê, e por isso cu câ tâ

Meu estimado irmão. Eu recebi carta do senhor, que eu fico muito contente com ella, e para fazer ao senhor vontade eu começo a escrever ao senhor em creolo. Primeira novidade que eu dou ao senhor é que C. recita aquelles versos da doida de Albano em creolo, e começa assim:

Vem cá meu filho escuta:
És amigo de tua mãe?
Bem, minha mãe, e que pergunta é essa?
Pois bem, assim como tu vês esse ferro enferrujado é sangue de teu pae, e tu juras-me como o vingas?
Eu juro!
Pois é Ricardo, pae de Maria, que matou teu pae!
Bé! mamã! Pae de Maria eu não posso matal-o, porque Maria está dentro de meu coração.
E assim com muita cousa, mas que eu não sei, e por isso eu não

pon. Quen qui costumá tambê recital ê Brito e mas Quinquim.

En pidi nhô di fabôr pâ nhú mandan quêl dicionare; en pedi té na português, gora en tâ biral na criôlo. Quê pâ fabur câ nhú desqueeê. En tâ, cába ês carta pan porgunta nhô s'ê pêrciso escrêbê nhô en criôlo na tudo bapor, ou não.

Nhu adés, nhú dán tudo alguen mantênha chéo. Tudo ghentes di casa tâ mandâ nhô mantenha chéo.

ponho. Quem aqui tambem costuma recital-os é Brito e mais Joaquim.

Eu pedi ao senhor o favor de mandar-me aquelle diccionario; eu pedi em portuguez, agora eu traduzo (viro) em creolo. Queira por favor não se esquecer. Eu acabo esta carta por perguntar ao senhor se é preciso escrever ao senhor em creolo por todos os vapores ou não.

Phrases diversas

Mâ nhu stâ? ou Mâ nhu pássâ?

Cômmôdádo, nhô mâ nhu sa ta pássâ?

Mâ ba ghentes tudo dinhô? *ou* Móde ghentes tudo di nhô stâ?

Tudo stâ bon, graças a Déus.

Jâ dura qui en ca ôjâ nhô; Unde nhu staba? *ou* Unde nhu têu stado?

Mi en stába la na Orgôn, *ou* En têu stâdo la na Orgôn.

Cuz'é *ou* Cuss'ê nhu bá fazêba lâ?

En bâba oja (*ou* en bá ojába) un nhâ parente, qui stába docnte.

¿Quêrbê, tia di uhô, nhâ Maria? ¿Cuss'ê qu'ê tênba?

E tênba dór na péto, *ou*, ê ta quexaba di dór na péto.

È jâ stâ milhor?

En dêxal um pouco milhor, *ou*, En dêxal más cômôdádo un pouco.

Púndo nhu sâ tâ bai? *(gossi-n)*.

En sâ tâ bai Praia.

I mi en sâ tâ bai (*ou* bâ) Tarrafal *ou* Tarfal.

Anton nhu têu qui anda chêo inda.

Qui horas ô gossin? *ou* Canto hora jâ dâ?

Jâ stâ pâ dôs hora.

Dêxam bai, tioque nu torna ojá.

Nhu adés. *(adés)*.

F. En tâ pidi bo pâ bo escrêbên

Como está? ou como passa?

Bom, e o sr. como tem passado?

Como estão todos os seus?

Todos estão bons, graças a Deus.

Ha muito tempo que o não vejo, onde tem estado?

Eu estava nos Orgãos, ou eu tenho estado nos Orgãos.

O que foi lá fazer?

Fui ver uma parenta minha que estava doente.

Quem? a sua tia, a sr.ª Maria?

O que tinha ella?

Tinha dores no peito, ou queixava-se de dores no peito.

Já está melhor?

Deixei-a um pouco melhor.

Para onde vae agora?

Vou á Praia.

E eu vou para o Tarrafal.

Então tem de andar ainda muito.

Quantas horas são?

Devem ser duas horas.

Deixe-me ir, até quando nos tornarmos a ver.

Adeus.

F. Peço-te que me escrevas uma

un carta na criôlo, mas nun criôlo bêrdadêro.

Bu al acha galante ês pidido; mas oc bu sabê ê pâ cuzé, bu al ficá contênte. Gossin en câ podê fiábo ê pâ que fin, pamóde en câ tên tempo.

Câ bu squêcê, ¿ja bu oubí?

Bo armun amigo.

Jâ bu rêcêbê nha carta qui en scrêbê-bo na criôlo? Respondên e e mandâ fiau mode ghentes tudo stâ.

Titia jâ stâ mijór di si dismaios? Nha Dóna di nha Lucía inda câ cômôda?

Logo qui[1] bu rêcêbê ês carta, bu ta manda chôma Roque, e bu ta fial cumâ en rêcêbê si carta, e su xinti chêo di más, di máo tratos, qui scribons sâ tâ dal.

Comâ gossin en câ podê fazel nâda, e pâ ê spêra tioque en boltâ C. Berde; e auton en tâ oja, si algun cuza en tâ podê alcança na si fabôr.

carta em creolo, mas em um creolo verdadeiro (puro). Has de achar exquisito (extravagante) este pedido, mas quando souberes para que é, ficarás satisfeito. Agora (n'esta occasião) não posso dizer-te para que fim é, porque não tenho tempo.

Não te esqueças, ouviste?

Teu irmão, amigo.

Já recebeste a minha carta que te escrevi em crioulo? Responde-me e manda dizer-me como estão todos.

A tia já está melhor dos seus desmaios? A nha Dona da Luzia ainda não está boa?

Logo que receberes esta carta mandarás chamar o Roque, e lhe dirás que recebi a carta d'elle, e senti bastante dos maus tratos, que os escrivães lhe têem dado.

Que agora nada lhe posso fazer, e que espero até (quando) eu voltar a Cabo Verde, e verei então se alguma cousa posso alcançar em seu favor.

[1] Logo qui por *quê l'or qui*. Hoje é muito usado na cidade da Praia.

Adivinhações

«Os creolos em Cabo Verde, diz-nos o sr. Nogueira, pelo menos em Sant'Iago, têem por costume contarem historias, isto é, lendas ou contos.

«Quasi sempre essas historias são contadas á noite, assentando-se as pessoas que tomam parte n'esse passatempo de caracter verdadeiramente familiar, á porta da rua ou então dentro de casa, fazendo d'esse passatempo um serão. Precedem a essas historias as adivinhações, sendo algumas d'estas bem obscenas.»

Eis uma pequena serie d'essas adivinhas que o nosso collaborador nos ministrou:

1. Xintido.....	Mi li, mi lá.
2. Porco.....	Mungo mungo tâ ba rúbera.
3. Chûba na banâna.....	Ráque-ráque na pedragál.
4. Ê un home que mátâ un buro, pamóde un pé de conbe.....	Curupíu de dôs pé mátâ curúpiu de quato pé, sob curupíu de um pé.
5. Ê ôjo.....	In tên nhâ dôs fijo na janélla nium câ tâ ôjâ companhêro.

6. Falla.....	In tên nhâ fijo in tâ mandal dento chuba ô câ tâ môjâ.
7. Máma di cadêra.....	In tên nhâ dôs fijo tâ córô tudo córê, nium câ tâ pássâ companhêro.
8. Oréja.....	In tên nhâ figuêrinha na pónta di rócha, tâ quei, câ tâ quei.
9. Sónbra.....	In córê in câ pêga, in xinta in pêga.
10. Bôca cú dente.....	In tên nhâ pucarinha cheio d'ôsso.
11. Tripiche.....	Chôro na cassa di riba, batuque na cassa di baxo.
12. Pánno.....	Nôte di cumprido, di dia di trabêsado.
13. Caldêron.....	È tên pé ô câ tâ ánda ô tên aça ô câ tâ buâ.
14. Arco d'abôja.....	Jôn di Pico, Manél d'Orgôa, sô câ súbi ê al trabêssa.
15. Pedra fôgôa.....	In tên três préto; si ún câ stâ, quêlouto dôs câ tâ sirbi.
16. Óbo.....	Radondête indête *que não tem* tapo nem tôpête.
17. Anzol:—ô tâ lêba isca mórto, ô tâ tarcê peixe.....	Préto côrcôbádo que tâ lêba mórto, tâ trâzê bibo.
18. Póto.....	È bá dêtado, ê bên sâquédo.
19. Estréla na Céo.....	In tên nha cúrûl di cábra, nôte pâ manhcê nium.
20. Máma de báca.....	Nha quato bôli bóca pâ báxo lête câ tâ lânça.
21. Estrabado.....	Nhâ boi tâ bônba lâ na Tarafâl, in tâ oubi li.
22. Mandioca.....	Riquitî pé bêjo fésta quê câ chiga, ô câ sabe.
23. Morte.....	In bai pân cá bên más.
24. Calbicêra.....	Albo cú nâ albâiáda, verde nâ vôrdête, tên côr di rabu de sancho, mas ô câ ôl.
25. Caminho.....	Un hómo grando sin sónbra.
26. Fumo.....	Nha cabâllo dénto cóma na rua.
27. Sino.....	Sin câ pêga nha boi rábo ô câ tâ bônba.
28. E côco cú si pája, cu cumida, cu ágo.....	In tên un caza di pája dento quêl caza di pája in tên un caza branca, dento caza branca in tên un fonte d'ágo.
29. Cruz na cháda.....	In tên nha báca na châda, in câ tâ dâ pája, in câ tâ dó ágo, tudo alghên qui páçâ ta botan el um mô de pája.
30. Nabín.....	In tên un óme grande na mô di mar, s'ê câ bento ê câ tâ anda.

Observações phoneticas

Dos sons do portuguez faltam no crcolo de Santo Antão *lh*, substituido por *j (paja, ija, foja, fijo, scoja)*, *v* substituido por *b (dubida, dêbê, oubi, pobo, coubersa, biro, fabur)*; os diphthongos nasaes *(Jan=João, Orgon=Orgãos, coraçon=coração, armau=irmãos, mio=não)*; o diphthongo *ei*, substituido por *é, ê (proméro, ruspêto, figuêrinha)*.

Ha alguma tendencia para o iotacismo: *di=de*.

l desapparece em *pos=pois, mas=mais*.

Mudanças varias nas vogaes atonas: *armau=irmão, proméro=primeiro, borgonha=vergonha, ruspêto=respeito*.

Mudança nas vogaes accentuadas: *cuza=cosa, favur=favor*.

Aphérese de vogal ou de syllaba: *sin=assim, nhô=senhor, nha=minha*[1]; *tâ=está*.

Syncope de vogal: *cumçâ=começar, crê=querer, conchê=conhecer*.

Apocope de vogal ou de syllaba inteira: *calabôs=calaboço, má* (como)*=modo, mo=molho, ês=este*.

Apocope de *r*: regular no infinito *(ser* é uma excepção, se não ha erro no paradigma que nos enviou o nosso informador); *nhô=senhor, pâ=por*.

Varia: *ago=agua, sucuta=escuta*.

Observações morphologicas

1. *Genero*. Os adjectivos não têem fórmas que indiquem o genero. A fórma typica é em geral a fórma masculina portugueza; mas ha excepção, como *nha=minha*.

2. *Numero*. O emprego das fórmas do plural não se póde estabelecer com certeza dos textos que temos á nossa disposição, nem das noticias que nos ministraram.

Os casos seguintes parecem-nos representar as tendencias do dialecto no emprego do *s* do plural: a) os adjectivos e pronomes empregados como adjectivos não tomam o signal do plural (mas diz-se *quel, quels)*; b) com os numeraes o substantivo não toma o signal do plural (mas na carta 2.ª ha *dôs companheros)*; c) quando do contexto da phrase resulta a idéa da pluralidade falta o *s* do plural. Exemplos:

es dos foja.	estas duas folhas.
tres prêto.	tres pretos.
mujer, mujeres.	mulher, mulheres.

Com relação ao plural diz-nos o nosso informador: «A tendencia que ha hoje para empregar regularmente as fórmas do plural torna-se muito sensivel».

[1] O desapparecimento da syllaba inicial de *minha* explica-se pelo facto d'esta palavra se tornar proclitica? G. Vicente tem *enha*.

3. *Pronomes.* Os pronomes demonstrativos são: *ês* (este, esse) e *quel* (aquelle).

Ês home.	Este homem.
Ês mujer.	Esta mulher.
Ês homes.	Estes homens.
Ês mujeres.	Estas mulheres.

Quel rapaz.	Aquelle rapaz.
Quel rapariga.	Aquella rapariga.
Quels (ou *quel*) *rapaz.*	Aquelles rapazes.
Quels (ou *quel*) *raparigas.*	Aquellas raparigas.

O interrogativo é: *quen, qui,* ou *quê-nhê,* quem.
Eis o quadro dos pronomes pessoaes.

Singular:	*En, in, mi*	eu	Plural:	*Nós, nu*	nós
	-n	-me		*-no*	-nos
	Bu (abó)	tu		*Nhô, nhôs*	vós
	Di bó	de ti		*nhô*	vos
	-lo	-te		*Ês*	elles
	Ê	elle		*-ls*	lhes
	-l	lhe			
	nhô	lhe (vós)			
	êl,-le	o			

Quên qui dan (dâ-n) el.	Quem m'a deu.
Quên qui dâ-lo el.	Quem t'a deu.
Quên qui dá-nhâ el.	Quem lh'a deu.
Quên qui dá-no el.	Quem nol'a deu.
Quên qui dá nhô el.	Quem vol'a deu.
Quên qui dals (da-ls) el.	Quem lh'a deu.
Bu tâ entendêle.	Tu entendel-o.
En tâ jurâl.	Eu o juro.

Bu (vós) tendo usurpado o logar de *tu,* não ha pronome da segunda pessoa do plural; o *pronomen reverentiae* é substituido por *nhô* = senhor, *nhâ* = senhora. *Nhô* tomou o signal do plural: *ô nh'amigos, nhôs al judan fazê ês cuza,* ó meus amigos, vós haveis de me ajudar a fazer esta cousa.

O pronome da segunda pessoa do singular diz-se *bó* quando é precedido de proposição: *di bó,* de ti.

Nas ilhas de Barlavento ha *bucê, bucês, bocê, bocês* em logar de *bó, abó* e *nhô.*

Os seguintes exemplos mostram as fórmas dos possessivos ou seus equivalentes:

Nha caballo.	O meu cavallo.
Nha caballos.	Os meus cavallos.
Nha egua.	A minha egua.
Nha eguas.	As minhas eguas.
Ês caballo ê di men.	Este cavallo é meu.
Ês caballos ê di men.	Estes cavallos são meus.
Ês egua ê di men.	Esta egua é minha.
Ês eguas é di men.	Estas eguas são minhas.

Bu cavallo.	O teu cavallo.
Bu cavallos.	Os teus cavallos.
Bu egua.	A tua egua.
Bu eguas.	As tuas eguas.
Ês caballo ê di bó.	Este cavallo é teu.
Ês egua ê di bó.	Estes cavallos são teus.

Si caballo, sês caballo.	O seu cavallo, o cavallo d'elle.
Caballo di nhô ou *nhâ.*	O seu (vosso) cavallo.
Ês caballo ê di nhô.	Este cavallo é vosso, seu.

Nós boi.	O nosso boi.
Nós báca.	A nossa vaca.
Ês boi ou ês báca ê di nós.	Este boi ou esta vaca é vosso, vossa.

Si caballo, sês caballo.	O seu cavallo (d'elles).
Ês caballo ê di sês, d'êls ou *d'ês.*	Este cavallo é seu (d'elles).

4. *Verbo.* Esta parte da grammatica do creolo de Santo Antão apresenta uma riqueza muito maior que em geral os outros dialectos similhantes. Não é difficil explicar este facto: o contacto persistente entre a população que falla o dialecto e os que fallam o portuguez puro tende naturalmente a fazer penetrar no creolo maior numero de fórmas portuguezas. Vimos já o que se dava com as fórmas do plural. Damos os paradigmas da conjugação e faremos depois algumas observações sobre elles.

Ser (sèr)

Indicativo

Presente		Perfeito composto	
Mi ê	Eu sou	*Eu ten sido*	Eu tenho sido
Bu, abo ou *abo bu ê*	Tu és	*Bu ten sido*	Tu tens sido
Êl ê	Elle é	*Êl, ê ten sido*	Elle tem sido
Nós, nos nu ê	Nós somos	*Nos, nu, ten sido*	Nós temos sido
Ês ê	Elles são	*Ês têu sido*	Elles têem sido

Imperfeito e perfeito

Mi era	Eu era
Bu etc. era	Tu eras
Êl era	Elle era
Nós era	Nós eramos
Ês era	Elles eram

Futuro

En al ser	Eu serei
Bu al ser	Tu serás
Êl al ser	Elle será
Nu al ser	Nós seremos
Ês al ser	Elles serão

Condicional

En tâ sérba	Eu seria
Bu tâ serba	Tu serias
Ê tâ sérba	Elle seria
Nu tâ sérba	Nós seriamos
Ês tên de ser	Elles seriam

Subjunctivo

Presente

En ser	Eu seja
Bu ser	Tu sejas
Ê ser	Elle seja
Nu ser	Nós sejamos
Ês ser	Elles sejam

Imperfeito

Mi era	Eu fosse
Bu era	Tu fosses
Êl, ê era	Elle fosse
Nu era	Nós fossemos
Ês era	Elles fossem

Futuro composto

In ten de ser	Eu tiver de ser
Bu ten de ser	Tu tiveres de ser
El, ê ten de ser	Elle tiver de ser
Nos, nu ten de ser	Nós tivermos de ser
Ês ten de ser.	Elles tiverem de ser

Imperativo

Ser	Sê tu	*Nhu ser*	Sede vós

Haver

Este verbo é quasi exclusivamente empregado para a expressão do futuro como auxiliar, portanto no presente do indicativo.

A fórma *al* provém de *ha-de*, por apocope e mudança de *d* em *l*.

O verbo *dêbê* é empregado como auxiliar, substituindo *al*. Na cidade da Praia diz-se *hôbe (oubi) tempo, têu habido*, mas essas fórmas não se acham ainda no creolo rachado.

Ten (ter)

No presente do indicativo *tên* para todas as pessoas no paradigma escripto pelo nosso informador; mas nas cartas 2.ª e 3.ª ha *tênê* como fórma fundamental, servindo pois para o presente só com os pronomes e figurando nos tempos compostos, como *ser* no paradigma acima.

O imperfeito e o perfeito do indicativo tem *tenba*, tinha, para todas as pessoas; o imperativo *tên*. Emprega-se o participio *tido*.

Stá (estar)

No presente do indicativo *sta* ou *star* para todas as pessoas; no imperfeito *staba*, no perfeito *stêbe*, ou no creolo rachado *stabá*, como no imperfeito. Os tempos periphrasticos conformam-se ao paradigma de *ser*. Emprega-se o participio *stado*.

Verbos não auxiliares

O presente em regra é expresso por *tâ* (-stá) com o infinito, para todas as pessoas exemplos: *en tâ jurâ*, eu juro, *bô tâ flâ*, vós dizeis; mas occorre tambem como presente a simples fórma do infinito: *nhu sabê*, vós sabeis. Algumas fórmas do presente portuguez, principalmente da terceira pessoa, occorrem, sem variação, com o auxiliar *tâ* ou isoladas, exprimindo o presente: *en tâ bai*, eu vou; *êl tâ lêba*, elle leva; *en péga*, eu agarro; *en tâ biro*, eu volto; *in xinto*, eu me sento.

Ha fórmas do preterito como *fazeba*, fazia, *baba*, ia (sobre o presente *bai*).

O perfeito parece ser expresso pelo infinito, como *recebê*, *fugî* (elle fugiu), *xinti*, *matá*, *entendê*, nas cartas acima.

O imperativo é expresso pelo infinito: *esquecê*, esquece, esquecei; *judá*, ajuda, ajudae. Occorrem algumas fórmas particulares como *ben*, vem, vinde.

Ha participios em *ado* como *usado*, *enfadado*, em *edo* como *serebedo*, escripto, em *ido* (normal?).

Os tempos periphrasticos seguem o paradigma de *ser* (auxiliar com a fórma principal, infinito presente ou participio passado).

Algumas vezes o futuro é identico ao presente: *en tâ mandâ*, mandarei; *bô tâ flal*, dir-lhe-has.

Observações lexiologicas

A etymologia dos vocabulos creolos é geralmente transparente nos specimens que publicâmos; notâmos apenas particularmente os seguintes, comquanto outros chamem tambem a attenção:

Câ, não; origem incerta.

Mâ, *mê*, que; provirá da conjugação adversativa *mas?*

Mantenha em *mantenha chêo*, significando muitas recommendações; originou-se este emprego evidentemente da formula antiga de saudar: *Deus te mantenha*.

Pamâde, porque; provém da formula *por amor de*, *por mór de*, muito usada em portuguez, significando por causa de. No dialecto de Macau usa-se no mesmo sentido a variante phonetica *prómódi*.

Papiá, fallar; *flâ* toma o sentido de dizer.

Sâ em *nhu sâ tâ passado*, como tem passado, e *sâ tâ dal*, lhe tem dado, etc., é obscuro para nós.

Sábe (de *saber*) serve para exprimir que uma cousa é agradavel;

cû sábe, que é desagradavel; *ês cumida ê sábe*, esta comida é agradavel, sabe bem; *quel home tên ar sábe*, aquelle homem ter ar agradavel; algumas vezes póde traduzir-se por *bem*. *Fede* exprime o contrario: *chêrá féde*, cheirar mal; *fazêl féde*, offendel-o.

Tioque, até que; *oque (oc)*, *oqu'ês*, quando.

Nomes hypocoristicos ou nomes de casa

Baca.	Lourenço.	*Dada.*	Felicidade.
Balanta.	Valentim.	*Damás.*	Damasio.
Banda.	Domingos.	*Delba.*	Amaro.
Barujo.	Vicente.	*Dico.*	Frederico.
Beba.	Genoveva.	*Didi.*	Claudina.
Bebé.	Bernabé.	*Dindino.*	Bernardino.
Beto.	Alberto.	*Dique.*	Henrique.
Beto.	Roberto.	*Doca.*	Theodora.
Bibina.	Balbina.	*Doco.*	Theodoro.
Bina.	Etelvina.	*Doli.*	Isidoro.
Bocha.	Ambrosio.	*Doria.*	André.
Bomba. / *Bombina.*	Anna.	*Dunda.*	Domingos.
		Jéjé.	José.
Caella.	Michaela.	*Faia.*	Raphael.
Caixa.	Nicolau.	*Fan.*	Estephania.
Cote.	Torquato.	*Fina.*	Josephina.
Chalino.	Marcellino.	*Fita.*	Antonio.
Chamara.	Maximiana.	*Fonfon.*	Affonso.
Chamaro.	Maximiano.	*Fronha.*	Luiza.
Chana.	Sebastiana.	*Gena.*	Eugenia.
Chana.	Luciana.	*Guida.*	Margarida.
Chanchane.	Alexandre.	*Ia.*	Maria.
Chéché.	José.	*Lela.*	Magdalena.
Chella.	Marcella.	*Lelencha.*	Florencia.
Chello.	Marcello.	*Lelencho.*	Florencio.
Chencho.	Innocencio.	*Lena.*	Helena.
Chicha.	Narcisa.	*Lorna.*	Jeronymo.
Chichi.	Cecilia.	*Lota.*	Izabel.
Chica.	Francisca.	*Maja.*	Luiz.
Chico.	Francisco.	*Mana.*	Germana.
Chimi.	Cazimiro.	*Mano.*	Germano.
China.	Filippe.	*Maral.*	Pedro.
Choga.	Chrysostomo.	*Mongido.*	Hermenegildo.
Choncha.	Sebastião.	*Motas.*	Timotheo.
Chubanta.	Martha.	*Munda.*	Raymundo.
Chumpa.	Paula.	*Nhaba.*	Filippe.
Cobra.	Francisco.	*Nico.*	Manuel.
Coco.	Simoa.	*Oiro.*	Miguel.
Coima.	Paulo.	*Pelico.*	Polycarpo.
Colaça.	Nicolaça.	*Penha.*	Gregorio.
Cuna.	Joaquina.	*Pomba.*	Ignez.

Potâ.	Hippolyto.	*Tatacho.*	Anastacio.
Queta.	Henriqueta.	*Tetêa.*	Dorothea.
Quinquina.	Joaquina.	*Tetês.*	Matheus.
Ranal.	Antonio.	*Tilia.*	Mathilde.
Roda.	Andreza.	*Tinho.*	Martinho.
Ronda.	Agostinho.	*Tino.*	Faustino.
Supco.	Cypriano.	*Tintim.*	Valentim.
Tancha. / *Tantancha.*	Constança.	*Tintina.*	Catharina.
		Tôlo.	Bartholomeu.
Tantana.	Victoriana.	*Touco.*	Victor.
Tantano.	Victoriano.	*Tuda.*	Gertrudes.
Tatacha.	Anastacia.		

Ás formações hypocoristicas que têem limitadissima extensão em Portugal, abriu-se um campo novo nos dialectos fóra da Europa; algumas d'essas fórmas vieram de lá para a metropole, como *Juca, Nhónhô*, etc.

É difficil e em parte impossivel achar as relações que existem entre algumas d'essas fórmas hypocoristicas de Santo Antão e as usuaes correspondentes; para algumas não haverá até talvez relação etymologica; mas a difficuldade provém principalmente do pequeno numero das fórmas que conhecemos, que não nos permittem reconhecer todas as variedades dos processos, a que devem a existencia. As fórmas difficeis de reduzir ou irreductiveis, em a nossa lista são: *Baca, Banda, Barujo, Bomba* (e *Bombina*), *Caixa, China, Chopi, Chonche, Chubanta, Chunepa, Cobra, Coco, Coima, Delba, Doria, Dunda, Faia, Fita, Fvonha, Lota, Maja, Mural, Nhabo, Oiro, Pelico, Pomba, Potâ, Ranal, Roda, Ronda, Touco* (32 fórmas). As outras fórmas hypocoristicas de Santo Antão provém das usuaes correspondentes por processos de formação em geral perfeitamente regulares. O processo mais geral é o da simples apherese de todos os elementos que precedem a syllaba accentuada; essa alteração raramente é a unica que se dá: quasi sempre se complica com outras. Em poucos casos a apherese deixa de fazer desapparecer todas as syllabas que precedem a accentuada (vid. infra *Mongido* e *Chamaro*).

Formação por apherese

A. Simples apherese.

Caela	de	*Michaela.*	*Mano*	de	*Germano*
Colaça	»	*Nicolaça.*	*Queta*	»	*Henriqueta.*
Fina	»	*Josephina.*	*Tinho*	»	*Martinho.*
Lena	»	*Helena.*	*Tino*	»	*Faustino.*

Em:

Ia de *Maria*

a apherese estendeu-se á consoante inicial da syllaba accentuada.

B. Apherese complicada com outros phenomenos phoneticos.
1) Modificações nas vogaes finaes:

Cate	de	*Tor-quato.*	*Mota-s*	de	*Ti-matheo.*
Dada	»	*Felici-dade.*	*Munda*	»	*Raymundo.*
Gena	»	*Eu-genia.*			

2) Apocope:

Fan de *Este-phania.*

3) Apocope com retracção do accento:

Tólo de *Bartholo-meu.*

4) Alteração da vogal accentuada:

Cuna de **Quina* de *Joa-quina.*

5) Quéda de *r* da syllaba accentuada, com ou sem modificação das vogaes finaes:

Beto	de	**Berto*	de	*Al-berto.*
Beto	»	**Berto*	»	*Ro-berto.*
Dico	»	**Drico*	»	*Fre-drico, Frederico.*
Guida	»	**Grida*	»	*Mar-grida, Margarida.*
Tuda	»	**Trudes*	»	*Ger-trudes.*

6 Modificações nas consoantes das syllabas conservadas:
a) *v* em *b.*

Béba	de	**Veva*	de	*Genoveva.*
Bina	»	**Vina*	»	*Etel-vina.*

b) *s, z (ç, s)* em *ch:*

Chicha	de	**Cisa*	de	*Nar-cisa.*
Chello	»	**Cello*	»	*Mar-cello.*
Tancha	»	**Tança*	»	*Cons-tança.*

c) *ci, si, ti* em *ch:*

Bocha	de	**Brosio*	de	*Am-brosio.*
Chana	»	**Ciana*	»	*Lu-ciana.*
Chencho	»	**Cencio*	»	*Inno-cencio.*
Chana	»	**Tiana*	»	*Sebas-tiana.*

Em *Bocha* houve quéda de *r* como em *Beto, Tuda,* etc., mudança de *o* em *a* como em *Munda.*

d) Mudança de ç em *ch* com alteração n'uma vogal protonica:

Chalino de **Cellino* de *Mar-cellino*.

e) Mudança de ç em *ch* e desapparecimento d'uma consoante:

Chico de **Cisco* de *Francisco*.

Facico é a pronuncia pathologica do nome *Francisco*.

f) Alterações diversas regulares de consoantes (complicadas n'alguns casos com modificações vocalicas).

Assimilação de *ld* em *ll (l)*:

Tilia de **Tilde* de *Ma-thilde*.

Assimilação de *ld* em *d*:

Mongido (Mengido) de **Menegildo* de *Hermenegildo*.

r em *l*, *n* em *r*:

Lorna de **Ron(y)mo* de *Je-ronymo*.

r em *l*:

Doli de **Doro* de *Isi-doro*.

r em *d*:

Dique de **Rique* de *Henrique*.

n em *r*.

Chamâro de **Chimiano* de *Ma-ximiano*.

n em *l*:

Léla de **Lena* de *Magda-lena*.

g) Alteração consonantal irregular:

Doca de **Dora* de *Theo-dora*.

h) Alteração da consoante da syllaba accentuada com apocope da syllaba:

Chimí de **Zimi* de *Ca-zimiro*.

C. Apherese e reduplicação:
1) Sem apocope:

a)	*Bibina*	de	**Bina*	de	*Bal-bina.*
	Chanchane	»	**Chane Chandre)*	»	*Alexandre.*
	Dindino	»	**Dino*	»	*Bernar-dino.*
	Lelencho	»	**Lencho (Rencho)*	»	*Flo-rencio.*
	Tantancha	»	**Tancha*	»	*Constança.*
	Tatacho	»	**Tacho*	»	*Anas-tacio.*
	Tetea	»	**Tea*	»	*Doro-thea.*
	Tetés	»	**Tés (Teus)*	»	*Ma-theus.*
b)	*Bebé*	»	**Bé*	»	*Berna-bé.*
	Chéché	»	**Ché*	»	*José.*
	Jéjé	»	**Jé*	»	*José.*
	Quinquim	»	**Quim*	»	*Joa-quim.*
	Tintim	»	**Tim*	»	*Valen-tim.*

2) Com apocope:

Didi	de	**Di (Dina)*	de	*Clau-dina.*
Fonfon	»	**Fon (Fonso)*	»	*A-fonso.*
Chichi	»	**Chi (Chilia)*	»	*Ce-cilia.*

Chichi póde explicar-se tambem por apocope.
3) Com syncope:

Tantano	de	*Tano (Trano, Triano, Toriano)*	de	*Vic-toriano.*
Tintina	»	*Tina (Trina, Tarina)*	»	*Ca-tharina.*

Formação por apocope (sem apherese)

A. Sem retracção do accento:

Damis de *Damasio.*

B. Com retracção do accento e em geral alteração da vogal sobre que elle vae recaír:

Balúnta	de	*Valentim.*
Pelico	»	*Policarpo.*
Supro	»	*Cypriano.*

Algumas das fórmas difficeis de explicar resultam sem duvida, em parte, de uma complicação de processos; *Potâ*, por exemplo, provém de *Hypolito* por apherese de *Hy*, syncope de *l* com contracção de vogaes e protracção do accento, mas esta fórma permanece isolada. A derivação póde tambem, como n'outras linguas, ter representado algum papel *(Lota = Izabelota).*

Os processos de formação que acabâmos de expor não têem nada de especial: encontram-se com simples variantes n'um grande numero de linguas antigas e modernas, falladas a distancias consideraveis, pertencendo a grupos radicalmente distinctos.

Mr. Robert Mowat consagrou ás fórmas hypocoristicas um estudo muito interessante, *De la déformation dans les noms propres*, publicado primeiramente em *Mémoires de la société de linguistique de Paris*, e depois na brochura *Noms propres anciens et modernes* (Paris, 8.°, 1869), p. 41-59. Um grande numero de fórmas hypocoristicas germanicas acha-se estudada na obra especial de Franz Stark, *Die Kosenamen der Germanen* (Wien, 1868, 8.°), em August Fick, *Die Göttinger Familiennamen* (Programma do *Gymnasium und Realschule erster Ordnung zu Göttingen*. Göttingen, 1875, 4.°), em Ludwig Steub, *Die Oberdeutschen Familiennamen* (München, 1870, 8.° peq.) Nos *Studien zur romanischen Wortschöpfung* von Carolina Michaëlis ha uma collecção interessante de fórmas hypocoristicas romanicas (p. 70 ss). São essas as obras que temos á mão sobre o assumpto, mas ha outras que d'elle se occupam, como a de August Fick, *Griechische Eigennamen*. Vamos extrahir d'essas obras alguns exemplos que provam a existencia de leis geraes nas formações hypocoristicas.

Na Biblia *Aram* (Gen. 22, 21) e *Ram* (Job. 32, 2) designam o mesmo personagem; o mesmo se dá com *Juziel* (Chr. I, 15, 20) e *Aziel* (Chr. I, 15, 18). Mowat, que cita esses exemplos, approxima *Lazaro* (Evangelho de S. João e de S. Lucas) de *Eleazaro* (Livro dos Machabeos) e adduz o copta *Chael* (cp. *Caella* por *Michaela* no creolo de Santo Antão), o phenicio *Karthalon* por *Melkarthalon*, *Stenbal* por *Manastambal* (segundo Gesenius).

No grego o processo da apherese é raro; exemplo:

Κλῆτος por Ἀνάκλητος

A apherese com derivação observa-se em:

Στασοῦλα	de	Ἀνα-στασία	,	suf. οῦλα,
Σταθᾶκης	»	Εὐ-στάθιος	,	suf. ακη.

Na mencionada lingua ao contrario o processo da apocope é frequente, sendo as terminações supprimidas substituidas constantemente por a final ᾶς; exemplos:

Ἀλεξᾶς	de	Ἀλέξανδρος.	Ἀντιπᾶς	de	Αντίπατρος
Ἀρτεμᾶς	»	Αρτεμίδωρος	Μηνᾶς	»	Μηνόδωρος
Επαφρᾶς	»	Επαφρόδειτος	Νικανδᾶς	»	Νικανδρίδας
Ζηνᾶς	»	Ζηνόδωρος	Ολυμπᾶς	»	Ολυμπιόδωρος
Κλεῖπας	»	Κλεόπατρος	Παρμενᾶς	»	Παρμενίδης ou Παρμενίσκος
Κλεοφᾶς	»	Κλεόφαντος			
Λουκᾶς	»	Λουκανός	Σιλᾶς	»	Σιλουανός.

O inglez, com a sua tendencia para accentuar a syllaba inicial, emprega de preferencia a apocope nas formações hypocoristicas; essa apocope é complicada com outros factos phoneticos, de que mencionaremos alguns.

1. Apocope simples:

Chris	de	*Christian*	de	*Christiánus.*
Clem	»	*Clemént*	»	*Cleméntius.*
Dan	»	*Dániel*	»	*Daniél.*
Tom	»	*Thómas*	»	*Thomás* (Θωμᾶς).
Greg	»	*Grégory*	»	*Gregórius.*

2. Apocope e adjunção de um *s:*
a) Sem assimilação de consoantes:

Cutts	de	*Cuth-bert.*
Edes	»	*Ed-ward.*

b) Com assimilação de consoantes:

Watts de *Walter* , *Gibbs* de *Gilbert.*

Comp. creolo *Motas* de *Timotheo.*
3. Apocope com mudança de *r* em *d:*

Dick de Richard , *Dobbs de Robert.*

Comp. creolo *Dique* de *Henrique.*
Nos seguintes nomes germanicos medievaes desapparecem ou a primeira ou a segunda parte:

Faro	por	*Burgundofaro.*	*Bruna*	por	*Brunihildis.*
Giso	»	*Wartgis.*	*Enea*	»	*Evarix.*
Offa	»	*Ceolwulf.*	*Hrode*	»	*Hruodolf.*
Prandus	»	*Rotprandus.*	*Suma*	»	*Suanilda.*
Uffo	»	*Liudulfus.*	*Tado*	»	*Tudelbertus.*

A suppressão de uma parte do nome foi seguida ou acompanhada, como se vê, de outras modificações, comparaveis em parte ás que observámos nas fórmas hypocoristicas do creolo de Cabo Verde.
O processo de addição de suffixos diminutivos ás fórmas mutiladas tem grande extensão nas linguas germanicas. Exemplos:

Godi-ko	de	**Gode*	por	*Gode-fredus.*
Ghise-ke	»	**Gise*	»	*Gise-bertus.*
Ghere-ke	»	**Ghere*	»	*Gere-hardus.*
Albi-so	»	**Alba*	»	*Albe-ricus.*
Gisle-zo	»	**Gisel*	»	*Gisel-bertus.*
Berti-nus	»	**Bert*	»	*Bert-randus.*
Feli-nus	»	**Fel*	»	*Fel-mirus.*

Escolhemos agora alguns exemplos da lista das fórmas hypocoristicas francezas dadas por Mowat:

Bastien	de	*Sebastien.*	*Guste*	de	*Auguste.*
Billon	»	*Barbillon.*	*Livet*	»	*Olivet.*
Briel	»	*Gabriel.*	*Mancet*	»	*Clémencet.*
Brois	»	*Ambrois, Ambroise.*	*Mas*	»	*Thomas.*
Colas	»	*Nicolas.*	*Maury*	»	*Amaury.*
Cot	»	*Jacot.*	*Nardon*	»	*Bernardon*
Delle	»	*Adèle.*	*Pin*	»	*Chopin.*
Fan	»	*Stephan.*	*Pold*	»	*Léopold.*
Fonce, Fons	»	*Alphonse.*	*Randal*	»	*Durandal.*
Gelle	»	*Angèle.*	*Sandre*	»	*Alexandre.*
Gory	»	*Grégory.*	*Thézard*	»	*Balthazar.*
Hippeau	»	*Philippeau.*	*Vestris*	»	*Silvestre.*

Estes exemplos bastam para mostrar que as fórmas hypocoristicas creolas são o resultado da acção de leis geraes.

2. Creolo de S. Thomé

Conhecemos apenas o seguinte specimen que devemos á memoria de um amigo; são versos de um portuguez que habita a ilha:

Sã Ma Plantá,	Senhora Maria da Apresentação,
Sã Ma jabo,	Senhora Maria diabo,
Floli blavo,	Flor brava,
Bujungá,	Bujungá (nome indigena)
Neni d'ôlo,	Annel d'oiro
Cun mimoia	C'om argolas (memoria);
Sã za estoia,	Isto é historia,
Sã zetá.	Senhora réjeitar,
Lenço seda	Lenço de séda
C'uma saia,	C'uma saia
Mé lagaia,	?
Sã zetá	Senhora réjeitar.
Sã Ma Plantá.	Senhora Maria da Apresentação.

3. Creolo da ilha de Sant'Iago (archipelago de Cabo Verde)

Ao nosso amigo, o sr. Luciano Cordeiro, secretario da sociedade de geographia, devemos a communicação da seguinte carta, dictada por uma negra de Sant'Iago, que se exprime no creolo d'aquella ilha:

Nho Dótore.
Senhor doutor.

Mi ten sódadi cheu di nho Dótore, a nâ di nha Dóna L.
Eu tenho saudades muitas do sr. doutor e mais da sr.ª Dona

Mi manda mantenha cheu, cheu, cheu.
Eu mando recommendações, muitas, muitas, muitas.

Mi e nós Seyton nu está desempuvados cheios di sódadi
Eu e mais o Seyton nós estamos desamparados cheios de saudades

di nho Dotore e di nha I.....
do sr. doutor e da sr.ª

Oh! nhor Deus!
Oh! senhor Deus!

Nha Sinhára manda mantenha cheu tambê A. eu J.
A minha senhora manda recommendações muitas tambem A. e J.

Está magro tóraqui piscóço já sae fora.
Estão magros até que (até o ponto) pescoço já sae fóra.

(Isto é: está demasiadamente magro).

Agora qui já ni sabê causa qui é falta di nho Dotore. Deos
Agora que já eu sei cousa que é a falta do sr. doutor. Deus

al judan qui in torna olhá nho.
ha de permittir-me que eu torne a ver sr.

Mi está na casa di nha Sinhára, mas en stâ cu muito
Eu estou na casa de minha senhora, mas eu estou com muitas,

muito sódadi di nhos tudo dós.
muitas saudades dos srs. ambos dois.

Mi é quel creada di nhós qui tâ chomado Maria.
Eu sou a creada dos srs. que se chama Maria.

Este dialecto offerece naturalmente intimas similhanças com o de Santo Antão, mas revela uma maior approximação ao portuguez puro, que em parte póde ser puramente individual, poisque a negra que dictou a carta tem vivido muito com pessoas instruidas originarias da metropole.

O dialecto possue um presente formado com *tâ: en tâ bâ*, eu vou, como em Santo Antão. A negação é tambem *cá*, não; *nh'ermun*=meu irmão, como em Santo Antão; *al — hade, ajudan=ajudar-me*, e outras particularidades coincidem ainda nos dois dialectos, e provavelmente em todos os do archipelago de Cabo Verde.

Observam-nos que *nhor* e *nhara* por *senhor, senhora* são mais respeitosos que *nho* e *nha*, e se empregam dirigindo-se a pessoas de idade. *Nhanha* é a senhora da casa, mãe de familia; *nhanhinha*, menina; *nhonhosinho*, menino.

4. Creolo da Guiné portuguezA

Tudo quanto podemos apurar sobre o creolo portuguez da Africa (continente e ilhas) se reduz ao que precede e á seguinte noticia.

De la langue, créole de la Guinée portugaise. (Notes sur la Guinée portugaise ou Sénégambie méridionale, par M. Bertrand-Bocandé). *Bulletin de la Société de Géographie* de Paris, 3e série, t. XII, p. 73-77 (1849 juillet et août):

«On conçoit que des hommes acoutumés à se servir pour manifester leur pensée, d'un idiome aussi simple, ne purent facilement élever leur intelligence au génie d'une langue européenne. Quand ils furent en contact avec les Portugais et forcés de s'entendre avec eux, en parlant une même langue, il a fallu que l'expression variée des idées acquises pendant tant de siècles de civilisation se dépouillât de sa perfection, pour s'adapter aux idées naissantes et aux formes barbares du langage des nations à demi sauvages. Le mot adopté dut conserver toujours le même son, et perdre ces désinences variées qui servent à distinguer les nombres, les genres, les pronoms, les temps ou les modes; il fut soumis seulement aux transformations absolument indispensables au discours, pour qu'il ne devînt pas uniquement des sons insignifiants.

«Il se fit un retranchement graduel de toutes ces modifications qui servent à exprimer les diverses nuances de la pensée, et quand il ne fut plus possible de rien retrancher pour conserver le discours encore intelligible, l'idiome fut fixée dans sa grammaire particulière, devenue aussi simple que peuvent le permettre les règles de la grammaire générale de toute langue. Il exista alors ce que l'on appelle la langue *créole* portugaise.

«Pour se former, elle a dû d'abord se soumettre à la prononciation habituelle des peuples d'Afrique. Ceux-ci ne peuvent, comme je l'ai déjà dit, prononcer les deux sons représentés par *je* et *che* qui sont devenus *ie* et *kie*.

«Les noms n'eurent plus de terminaison pour distinguer les *nombres;* on doit désigner la quantité de l'objet, ou dire s'il y en a peu, ou beaucoup. Le *genre*, en parlant des animaux seulement, se fait connaître en ajoutant au nom les mots *homme* ou *femme;* on dit donc par exemple: un *bœuf homme*, un *bœuf femme*.

«Il fallut adopter des pronoms. Il y a des pronoms personnels pour les différentes personnes et le nombre de ces personnes.

«Le radical des verbes se termine toujours par une voyelle: on en a retranché l'*r;* et ce radical peut être employé comme substantif, ou comme verbe.

«Les pronoms ajoutés au verbe désignent seuls les personnes; il n'y a pas de désinences différentes pour les déterminer.

«Quand aux temps *présents, passés* et *futurs*, il fallait nécessairement un moyen de les distinguer.

«Le *présent* se fait connaître de deux manières, ou bien en ajoutant simplement l'un des pronoms au radical, ou bien, au moyen du verbe

être suivi du mot *na*, qui signifie *dans* et au radical: ainsi pour dire *j'écris*, on emploie cette tournure *moi écris*, ou *mois est dans écri*, qui équivaut à *je suis à écrire*; le passé se désigne avec la particule *ia*, *(déjà)*, mis avant ou après le radical; *ta*, placé devant marque un temps *futur*; *va*, après, forme l'imparfait; enfin *ta* précédant et *va* suivant le radical indiquent le mode conditionnel.

«J'ai connu au poste français de Séyou un de ces Papels-manjaga que l'on appelle portugais, qui était devenu sergent de poste; il n'avait pu apprendre le français, mais il avait adapté à nôtre langue le mécanisme de la langue créole portugaise, et se serait parfaitement fait entendre de quelqu'un qui en aurait eu la clef; ses commandants avaient beaucoup de peine à le comprendre. Ainsi il disait *moi faire* ou *mois est na faire*, pour dire je fais; *moi ia faire*, j'ai fait; *moi faire va*, je faisais; *moi ta faire*, je ferai; *moi ta faire va*, je ferais ou j'aurais fait.

«Le créole portugais n'est donc qu'une altération de la langue portugaise; il est composé de beaucoup de mots de cette langue dont quelques-uns sont hors d'usage aujourd'hui, de mots espagnols, et d'autres empruntés aux langues des peuples qui entourent ses différentes factoreries.

«Ce créole varie dans chaque lieu: il a des mots, des expressions, une accentuation et même quelquefois une ordre grammatical plus ou moins différents, suivant la langue qui a dominé pour faire subir ses modifications à la langue portugaise, qui est toujours partout le fondement du créole.

«Dans la Guinée il ressemble à celui des îles du cap Vert; mais dans celle-ci on peut dire qu'on remarque autant de dialectes qu'il y a d'îles, et dans celle de San-Thiago seule, les créoles de la Villa da Praya, du centre de l'île et de Terrafal, et de San-Miguel offrent des changements notables: plus on s'approche de la Villa da Praya, plus le créole ressemble au portugais. Dans la Guinée, le créole de Bissao sera mêlé davantage d'expressions *papels*, celui de Ziguichor, de *bagnoun* ou de *floup*, celui de Farim et de Géba de *mandingue*.

«Cet idiome se modifie encore suivant les personnes qui le parlent: la position sociale, l'éducation, les habitudes, influent d'une manière aussi remarquable pour l'expression créole que pour les langues les plus parfaites. Il est facile à la personne la moins exercée, en entendant le créole, de deviner le rang ou l'éducation de celui qui le parle. On entendra même des personnes, quoique sans instruction, s'exprimer dans cet idiome avec une facilité et une grâce que l'on ne pourra s'empêcher d'admirer; ils savent parfaitement en tirer parti, quoiqu'il paraisse si ingrat, pour composer des récits intéressants, et improviser des chansons dans lesquels la vérité des images et les circonlutions suppléent aux expressions qui manquent dans le langage, et dépeignent souvent élégamment les idées qu'ils veut suggérer.

«Des personnes instruites qui tiendront une conversation en créole, se garderont difficilement de mêler dans leurs discours des expressions, des tournures empruntées à la langue portugaise, et principalement s'ils veulent exprimer quelque idée abstracte qui n'a point de mots en créole.

«D'un autre côté, il est presque impossible à un Portugais habitué long temps à ne parler que le créole, de se soustraire à une funeste habitude; des mots, des expressions, des phrases créoles se rencontreront dans sa conversation, dans ces écrits. Et s'il n'est pas soutenu par une connaissance profonde de sa langue, il la confondra bientôt avec le créole qu'il ne pouvait d'abord entendre, il finira même quelquefois par parler un langage qui ne sera ni portugais, ni créole, car il n'en aura que le mécanisme.»

5. O portuguez no Brazil

O Brazil com as suas 873:000 milhas quadradas, povoadas, é verdade por emquanto apenas por uns 10 milhões de habitantes, offerece um campo vasto á alteração do portuguez, á qual se oppõe porém a extensão crescente da litteratura, e especialmente do jornalismo. Como o dominio litterario da velha metropole europêa não cessou com o dominio politico, a linguagem litteraria do grande imperio da America meridional não se afasta senão n'algumas peculiaridades de importancia secundaria do portuguez da Europa. A linguagem fallada distingue-se, já na bôca dos mais instruidos, por essa entoação geral, por essa tendencia determinada para tornar abertas todas as vogaes atonas, por esse amor do iotacismo, que nos fazem reconhecer ao fim da primeira phrase pronunciada por um brazileiro ou pessoa que se adapton á pronuncia brazileira a sua proveniencia. Na linguagem popular, especialmente das provincias, na linguagem dos *matutos*, notam-se modificações phoneticas mais consideraveis, a mais geral das quaes é a suppressão do *r* final, que permitte rimas como a que nos apresenta a seguinte quadra popular:

Mariquinhas morreu hoje,
Hoje mesmo s'éntirou;
Sobre a sua sipultura
Naseeu um pé de firô (flor).

O vocabulario brazileiro apresenta naturalmente muitos termos compostos ou derivados de termos portuguezes, mas desconhecidos na nossa lingua da Europa, e um numero assás consideravel de termos provenientes dos dialectos indigenas, o *tupi* e o *guarani*, e ainda de outras linguas americanas; as linguas africanas ministram tambem alguns termos.

Uma parte das palavras peculiares do portuguez do Brazil foram já reunidas em um *Vocabulario brazileiro*, por Braz da Costa Rubim (Rio de Janeiro, 1853. 8.º).

Damos em seguida uma serie de versos populares do Brazil. As cantigas n.os 1 e 4 a 12 foram-nos communicadas por um amigo; 2 e 3 acham-se na *Noticia da provincia de Mattogrosso*, por Joaquim Moutinho, p. 19; n.os 13 a 20 acham-se na comedia *O matuto na côrte* por Antonio Augusto de Araujo Correão. Rio de Janeiro, 1863.

1. Cantiga de pretos

Quí é qudi santo
Qui vai no andô?
É Sau Binidito
É nosso sinhô.
Chi, cha.

2. Cantiga dos cururueiros de Matto-grosso

Em cima d'aquelle morro
Siá dona
Tem um pé de jatobá.
Não ha nada mais pió
Ai, siá dona,
Do que um home se casá.

3. Desafio dos cururueiros

HOMEM. Eu passei o Parnahyba,
Navegando numa barça,
Os peccados vem da saia,
Mas não pode vir da carça.

MULHER. Dizêm que a muyé é farça
Tão farça como papé.
Mas quem vendeu Jesus Christo.
Foi home, não foi muyé.

4.

Quando mozo vai ni rua,
Camiza cheia di renda.
Quitanda sei a qui roya:
Por fôça que acha venda.

5.

Zi eriorinha dim Ba'ia.
Za não come bacaí'ao;
Come só óvátáfá
Cucu, farinha di páo.

6.

Zi eriorinha dim Ba'ia
Quando vai lává ó má,
Deixáram as água turva,
Sendo ellas um cristá.

7.

Zi eu vi, ña baráta
No capóte di vóvó,
Quando eu fui prá pegálla
Báten ázas e vóó.

8.

Minha Avó quando é di noite
Custumava-se a banhá,
Quando entra na gamóra
Começa rogo a chorá...!

9.

Zi um gustinho lhe quero dá
Dá minha bunda quebráda,
Quêbra a bunda, mexe bunda
Quêbra a bunda de Sinhá.

Quêbra a bunda, mexe bunda
Quêbra a bunda di iá-iá.

10.

O negra trás café, chá e pão torrado,
Para dar ó sôr pintor: vae pintar o meu sobrado.
De verde amarello e incarnado,
Onde eu faço o meu gingado.

11.

Minha mulatinha,
Meu muracujá
A maré é boa,
Vamous embarcá
Á beira do rio,
Á borda do má:
Eu sou artilheiro
Que sei atirá.
Peixinho do rio,
Camarão do má:
Minha mulatinha
Diz-me o teu nome.
—Eu mi chamo botão
Do calção do home.

12.

—Chiáu, ó rapariga!
—Que pede, ó sinhô!
—Chiáu quer vir cumigo?
—Sou surda, sinhô,
—Chiáu, eu do dinheiro,
—Percebo, sinhô.
—Então, ven ja cumigo.
—Já, já, vou, sinhô.

13.

—Minha gente não inore
Este meu cantar baixão!
Estou com o peito cerrado.
D'um marvado catarrão.

—Senhô mestre cantadô,
Ai que me mandou cantá,
Quero que me dê por conta
Ai os peixe que tem no má.

Ai os peixe que tem no má
Carrego no meu chapéo,
Ai quero que me dê por conta.
Ai as estrellas que tem no céo.

—Você me mandou cantá
Ai pensando que eu não sabia,
Eu não sou cumo a cigarra
Que no cantá leva o dia.

14.

Ai! sô mestre cardereiro
Metta a mão na méladura,
Que a canna do Lavradô
Só que dá é rapadura.

15.

Sô Manê diz que não qué
Que o rato caia no mé,
As alegria dos Cabanos
É matá os pápa mé.
Olé! Olé!

16.

Esta vai por despedida
Por dentro d'esta liminha.
Ora viva Sinhá Dona
Sinhá Insolencia Zephina.

Marca o passo, moça, barabos!
Patury não se come sem limão,
As mulata me chamão cidadão.

17.

Minha caboca bônita
Sapateia no tijolo,
Que a barra do teu vestido
É prata e parece ouro.

18.

Ai a viola está com fôme
E a prima está c'uma dô,
Minha gente venhão vê
Que bahiano gemedô.

19.

Diga lá, Senhô Doutô,
Que aprendeu a hussophia,
Qual é a ave que avôa
E que dá leite quando cria?

20.

Por favô, Senhô doutô,
Me adecifre esta conta
Vinte e cinco guardanapos
Com dois gintem em cada ponta?

Sim senhô, eu advinho
Seu fartá nem um dô réis,
Doze pátacas e meia
Vem a ser quatro mim réis.

Diversas particularidades caracteristicas dos dialectos creolos repetem-se no Brazil; tal é a tendencia para a suppressão das fórmas do plural, manifestada aqui em que, quando se seguem artigo e substantivo, adjectivo e substantivo, etc., que deviam concordar, só um toma o signal do plural. Assim na cantiga n.º 20: *dois ginten*=dois vintens. Ouve-se com frequencia *os homen* por *os homens; as muyé* por *as mulheres; duas boa pessoa* por *duas boas pessoas; casas grande* por *casas grandes*, etc. Mencionaremos ainda o habito de dar fórmas diminutivas aos pronomes: *ellasinha*=ella (referindo-se a uma menina); *umasinha*=uma (referindo-se a uma creança, a um animal, a uma cousa pequena. *Tens um cão? Tenho umzinho* (isto é um cão pequeno).

6. Dialecto portuguez de Ceylão ou indo-portuguez

A primeira noticia que tivemos d'este dialecto achámol-a na obra de A. A. Teixeira de Vasconcellos, *Les contemporains portugais, espagnols et brésiliens*, t. 1. *Le Portugal et la Maison de Braganee*. Paris, 1859, 8.º, pag. 115–116, em que se acha um curtissimo extracto da parabola do semeador em indo-portuguez. A obra de lord Stanley *The three voyage of Vasco da Gama* ministrava-nos depois um excerpto mais extenso (Genesis, cap. III). Depois, como já dissemos, reunimos assás abundantes materiaes para o estudo do dialecto. Hoje limitâmo-nos á parte historica e bibliographica, e no nosso ultimo capitulo indicaremos os principaes pontos de contacto entre o indo-portuguez e os dialectos similhantes.

Em 1503 Lourenço d'Almeida submetteu um dos reis mais poderosos da ilha de Ceylão, Boenago Pandar. Por esse tempo foi fundada a fortaleza de Colombo e deu-se o commando da ilha a um capitão portuguez[1]. O terceiro viso-rei da India Lopo Soares fundou ali um estabelecimento commercial em 1517, que porém decaiu. Só pela morte de D. João Dharmapala, que legou os seus dominios ao rei de Portugal, então Filippe I (1581), é que os portuguezes adquiriram titulo á soberania da ilha, com excepção de Jaffna, de que reconheciam ainda o rei nominal, e de Kandy, em cujo throno elles queriam assentar a rainha Catharina. Apesar dos portuguezes desejarem impor suas leis e costumes, ficaram de pé as antigas leis e privilegios da ilha.

N'esse periodo e no seguinte as guarnições dos fortes portuguezes regulavam por 20:000 homens, dos quaes apenas menos de 1:000 eram europeus. Colombo desenvolveu-se então muito: edificaram-se conventos, igrejas, hospitaes, e quando caiu em 1656 nas mãos dos hollandezes residiam lá mais de 900 familias nobres, alem de 1:500 familias de empregados da justiça, commerciantes e negociantes. Em 1617 os portuguezes assenhorearam-se á mão armada de Jaffna. A alliança dos hollandezes com o rei de Kandy foi o ponto de partida para o seu domi-

[1] As particularidades historicas que seguem são extrahidas da obra *Ceylon, an account of the Island*, etc. by sir James Emerson Tennent. London, 1860, 2 volumes, 8.º

nio na ilha. Em 1658 tornaram-se senhores de todo o littoral e terras baixas e expelliram os portuguezes, tratando de destruir todos os vestigios da nossa influencia. As igrejas catholicas foram substituidas por igrejas protestantes; a lingua portugueza, que durante o nosso tão curto dominio se implantára na ilha sob uma fórma dialectal, ao lado das linguas indigenas, o singalez e o tamul, foi perseguida. Rapava-se a cabeça de todos os escravos que fallavam portuguez; multavam-se por negligencia os seus senhores: os hollandezes esperavam assim, como diziam n'uma proclamação «destruir a lingua dos portuguezes para que o nome dos nossos inimigos pereça e o nosso proprio floreça em seu logar». (Emerson II, 70.)

«O dominio da Hollanda em Ceylão foi quasi igual em duração ao de Portugal, cerca de um seculo e quarenta annos, mas a politica dos dois paizes deixou uma muito differente impressão do caracter e instituições do povo em cujo seio elles viveram.» (Emerson II, pag. 70.)

Ha uma palavra portugueza que os hollandezes não perseguiram, antes aproveitaram como fonte de receita. O titulo de *dom* era muito estimado pelos indigenas de Ceylão: os portuguezes permittiam o seu uso pela quantia de alguns centos de dollars. Escrevia-se o nome do comprador n'uma placa de prata com o desejado *dom* á frente; o comprador ajoelhava ante o governador ou pessoa por elle regularmente auctorisada; collocava-lhe a placa na cabeça e a auctoridade dizia: Levanta-te, dom Fulano. Os hollandezes continuaram a vender o *dom* rendoso, reduzindo o preço, que chegou por fim a dez dollars, tornando-se assim accessivel ás bolsas modestas. Hoje ainda a ilha está cheia de dons. O hollandez foi esquecido totalmente, até pelos descendentes dos que o fallavam; a repressão odienta não poude ao contrario destruir o portuguez.

Senhora da ilha desde 1796, a Inglaterra adoptou uma politica diversa da dos seus predecessores: os inglezes estudaram o indo-portuguez, como elles chamam ao dialecto portuguez de Ceylão; deram-lhe uma pequena litteratura, de que damos mais abaixo noticia, e serviram-se d'elle como meio de propaganda politica e religiosa.

Muito mais facil de estudar que as linguas indigenas, o tamul que, é fallado na costa norte, e o singalez, fallado ao centro e na costa sul, comprehendido por muitas familias principaes das cidades, que ainda se ensoberbecem com o seu *dom*, os seus nomes portuguezes, precedendo os appellidos indigenas, o indo-portuguez era um instrumento precioso que os inglezes com o seu genio administrativo não podiam deixar de aproveitar.

As informações que reunimos sobre a extensão e importancia actual do indo-portuguez não são sufficientes para formar sobre este assumpto um juizo inteiramente seguro. Um missionario que esteve na ilha escrevia, em data de 13 de novembro de 1875, que o indo-portuguez é quasi exclusivamente a lingua dos descendentes dos portuguezes e hollandezes que se estabeleceram na ilha; que a lingua não é considerada pelos missionarios como importante meio de instrucção, tanto quanto os que a usam fallam outra lingua; que os missionarios Wesleyanos têem um serviço publico em portuguez em Colombo e em duas ou tres cidades; que o dialecto está em extrema decadencia, e que com o curso

de outra geração se extinguirá totalmente. O missionario que deu estas noticias não estava, porém, bem informado, porque diz que o indo-portuguez não tem grammatica nem diccionario, o que nós sabemos não ser exacto. Um outro missionario, que residiu tambem em Ceylão, descreve com data de 20 de março de 1877, que durante o exercicio das suas funcções de missionario em Ceylão não encontrou uma só pessoa com quem o portuguez podesse ser empregado como meio de conversação; que nos districtos do norte e do oriente da ilha o portuguez está quasi inteiramente extincto; que a missão tinha deixado de o empregar para o serviço publico havia alguns annos, ao norte da ilha; que ao sul estava em rapida decadencia.

Alguns testemunhos, em verdade anteriores aos d'esses missionarios, cujas informações devemos ao nosso bom amigo rev. R. H. Moreton, attribuem ao dialecto maior importancia e extensão; a bibliographia que damos mais abaixo depõe tambem n'este sentido.

Na *Cruz de Christo* lê-se: «O auctor te da sua guardismento per o publico, per o modo ne qual sua *Versos sagrada* tinha recebido; dos cento e cincoenta livrinhos de aquel tinha impressado e vendido per o povo quem te sabe portuguez; esti lingoa mais que assi corrupto, tem papiado extensivamente nesti Ilha, e tem ainde doci, mellifluozo, como seu parente Francez e Italiano».

«O indo-portuguez é mais ou menos entendido por todas as classes na ilha de Ceylão e por toda a costa da India; a sua extrema simplicidade de construcção e facilidade de acquisição tendo-o posto extensamente em uso como um meio de trafico. Mas o povo de que é vernaculo e que, em Ceylão só, sobe a mais de 50:000 individuos, é constituido por descendentes dos hollandezes e portuguezes, os primeiros dominadores (europeus) da India.» *The Bible of Every Land*, pag. 275–276.

Damos em seguimento a nota bibliographica das publicações em dialecto portuguez de Ceylão ou relativas a elle, de que até hoje tivemos conhecimento; as que não possuimos e nem sequer vimos vão indicadas com o signal †.

Bautismo: sua subjectos e modo de sua administração. Parte preneiro: Tocando o bautismo de nocentes. Colombo: impressado ne officia de Missão Wesleyano. 1869, 44 pp. in-12.

Bom novas. N.º 15. March. 1869. p. 57–60. Colombo: printed at the Wesleyan Mission Press. É um numero de um pequeno periodico religioso.

Cantigas por adoração publico em lingoa portugueza de Ceylon. De Robert Newstead, missionario wesleyano. Terceiro vez impressado. Colombo impressado ne officina Wesleyana. 1823. 8.º 22–4 pp. (de index).

† *Compendium (A) of the Ceylon-portuguese language* by W. B. Fox. Colombo. 1859.

Cruz (A) de Christo. Colombo: Impressado ne officio de A. H. Peterson. 1859. 23 pp. A *Introdição* acha-se subscripta por J. A. C. No nosso exemplar acha-se o nome manuscripto por inteiro: John Arnold Cristophelaz.

† *Dictionary (A) in the Singhalese, Portuguese and English lan-*

guages. Second edition, enlarged. By W. B. Fox, Wesleyan Missionary. (Publicado em 1820).

Fórma (A) da oração publico e administração dos Sacramentos, conforme ao uso da Igreja Inglaterra. Traduzido, por o missão, em lingua portuguez de Ceylon. Pelo Robert Newstead, missionario Wesleyano. Em Colombo: Impressado na officina Wesleyano. 1820. 44 pp.

† *Grammatical (A) Arrangement on the method of learning the corrupted portuguese as spoken in India,* by Berrenger. Sec. edit. Colombo, 1811. Indicação do sig. Teza no artigo alludido infra.

Horte de paraiso. Em o nome de o Jesus crucificado. (XIV orações.) Impressado ne Officio de Baptiste Missionarios, Kandy. 32 pp.

Hum caminho per inferno. Folha avulsa, 1 p.

Hum catecismo per o ensino de crianças ne o principiô de relize, e hum curto catecismo de o nomis ne o escritura. Colombo: impressado ne officio de Wesleyanos. 1837. 12 pp.

Indoportoghese. E. Teza. 8.° 10 pp. Estratto dal Periodico:—Studi Filologici, Storici e Bibliografici Il Propugnatore. Vol. v. É o primeiro estudo scientifico sobre este dialecto.

† *Instructions for children.* By the late Rev. John Wesley, A. M. of the University of Oxford. In portuguese and english.
(Publicado antes de 1820.)

Meditacões e oracões (sic) *sober differenti subjectos e por differenti casiões.* J. Campbell, Printer, Hulfsdorp Press. 50 pp. 4.° peq.

Novo (O) Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo, traduzido ne indo-portugueza. Colombo, officina de Missão Wesleyano, 1852. 8.°

Orações, Dez Mandamentos, O sermão riba do montanha. 16 pp.

Psalterio (O), ou Psalmos de David, como apontado a ler nas igrejas. Traduzido em lingoa portugueza de Ceylon, e publicado por a Sociedade Biblia de Colombo. A Colombo: Impressado na officina Wesleyano. 1821. 8.° 102 pp.

The singhalese Tract Society, n.° 6, 1856. *O Serpente de Cobre.* 8 pp. No fim acha-se a indicação: Preço hum challi de-cobri, huma ou senao oito fanam hum cento.

Voz de verdade. (Pequeno periodico religioso mensal; temos alguns numeros desde 1 de outubro de 1870, em que começou a publicar-se, até janeiro de 1873. Sem logar de impressão.) 4 pp. cada numero.

Vocabulary (A) in the Ceylon Portuguese, and English Languages, with a series of Familiar Phrases. By John Callaway, Wesleyan Missionary. Colombo: Printed at the Wesleyan Mission Press. 1820. Price six fanams. 44 pp. in 12.°

A maior parte das publicações mencionadas que possuimos devemol-as á dedicação do nosso bom amigo o rev. R. H. Moreton, que se empenhou para com a missão Wesleyana e missionarios seus amigos para nol-as obter.

Na obra: *The Bible of Every Land, a history of the Sacred Scriptures in every language and dialect into which translations have been made,* etc. London, Samuel Bagster and Sons. 4.°, p. 275–276, achâ-

mos as seguintes noticias com relação ás traducções do Antigo e Novo Testamento em indo-portuguez.

«Com o declinar dos governos portuguez e hollandez na India, os membros d'estas nações foram deixados sem meios de instrucção religiosa excepto os que offereciam os missionarios catholicos romanos; e em consequencia, o catholicismo romano tornou-se a fórma prevalecente da sua religião. Em 1817, Mr. Newstead, missionario wesleyano, que residia em Negombo, em Ceylão, começou uma traducção do Novo Testamento para beneficio espiritual d'este povo. Partes d'esta traducção foram lidas por Mr. Newstead do pulpito, e foram tambem emprestadas livremente a pessoas doentes, uma das quaes, diz-se, morreu com o evangelho de S. João debaixo do travesseiro. O povo mostrou tanto interesse pela obra, que uma edição impressa foi em breve resolvida, e, em 1819, a versão do evangelho de S. Matheus foi publicada em Ceylão, á custa da Sociedade biblica auxiliar de Colombo; e os psalmos seguiram-se, em 1821, á custa da mesma sociedade.

«Pouco depois Mr. Newstead completou a sua traducção do Novo Testamento, e a obra foi submettida a uma minda revisão por uma commissão nomeada para esse fim, consistindo de tres missionarios e de seis dos mais intelligentes indo-portuguezes. A revisão foi terminada em 1824; e Mr. Newstead emprehendeu uma viagem a Inglaterra para sollicitar o auxilio da Sociedade biblica ingleza e estrangeira para a publicação da obra. A traducção foi recommendada com instancia á adopção da commissão pelo rev. T. J. Twisleton, archidiacono de Ceylão; e, como o seu valor foi attestado por outros juizes competentes, duas edições foram impressas em Londres, a expensas da sociedade, em 1826, sob a superintendencia pessoal de Mr. Newstead. A segunda edição do Novo Testamento, consistindo de 5:000 exemplares, appareceu em Colombo em 1831; e, no anno seguinte, uma versão dos livros do Genesis, Exodo, e parte do Levitico foi publicada no mesmo logar, a expensas da mesma sociedade. O Pentateucho e o Psalterio foram impressos em Colombo, em 1833, n'uma edição de 5:000 exemplares; annuncia-se como estando em progresso a traducção de todo o Antigo Testamento.

«Uma outra edição do Novo Testamento indo-portuguez foi mais recentemente emprehendida, e projectou-se no começo imprimil-a em Londres, sob a inspecção de Mr. Newstead, o traductor, e á custa da Sociedade biblica ingleza e estrangeira. Mas Mr. Newstead, depois de muitos annos de ausencia de Ceylão, não sentia sufficiente confiança no seu conhecimento da lingua para fazer imprimir o Novo Testamento; e em consequencia d'isso resolveu-se imprimir só o evangelho de S. Matheus em Londres, para fim provisorio, emquanto a impressão da obra inteira seria confiada a missionarios residentes em Ceylão, com a vista de a imprimir na imprensa da missão n'aquella ilha. O evangelho de S. Matheus foi acabado em 1852, sob a superintendencia de Mr. Newstead. Deram-se ao mesmo tempo instrucções para a impressão em Colombo de 2:000 exemplares do Testamento inteiro, á custa da Sociedade biblica ingleza e estrangeira. Esta edição foi completada em 1853, sob o cuidado de uma commissão de revisão escolhida para esse fim.»

Eis um specimen do dialecto:

O sermão riba do Montanha

Ne Evangelho de São Matheus

CAPITULO V[1]

1 E Jesus olhando o multidãos (de gentes) ja foi riba de hum montanha, e elle quando ja santa sua discipulos ja chegar perto per elle.

2 E Jesus ja abri sua boca, e ja ensina per elotros fallando.

3 Bendito *tem* os pobres ne espirito, porque per elotros tem o reyno de ceo.

4 Bendito *tem* elotros quem tem tristes, porque elotros lo ser consolados.

5 Bendito *tem* elotros quem tem paçiente ne coraçaõ (humildes), porque elotros lo herida o terra.

6 Bendito *tem* elotros quem te senti fome e securo por justiça, porque elotros lo ser enchido, (per elotros lo tem baste).

7 Bendito *tem* o gentes misericordioso, porque elotros lo acha (reçebe) misericordia.

8 Bendito *tem* os limpos ne coraçaõ, porque elotros lo olha per Deus.

9 Bendito *tem* o gentes quem te faze paz, porque elotros lo ser chomado filhos filhas de Deos.

10 Bendito *tem* elotros quem te suffri (padeçe) per o causo de justiça: porque per elotros tem o reyno de ceo.

11 Bendito tem vosoutros quando *gentes* te engeita per vosoutros, e perseguir *per vosoutros*, e te falla toquando de vosoutros, tudos sortes de mal, falsamente, sem rezaõ per o causo de mi.

12 Allegré com muito grande allegria, porque vossas paga no ceo *tem* grande, porque assi (mesmo modo) elotros ja perseguir per os prophetas, quem tinhe antes (mais diante) vosoutros.

13 ¶ Vosoutros tem o sal de terra, mas si o sal ja perdi aquel so sabor, acquel com que lo ser salgado? aquel despois nunca valé nada, senaõ per fica pinchado fora, e per fica massado baixo de pes de gente

14 Vosoutros tem o lume de o mundo, hum cidade que tem riba de um montanho non pode ser escundido.

15 Nem gentes nunca sandé hum candeeira e (despois) aquel bota baixo de hum medida, mas riba hum candeier, e aquel te da lumi per tudos (pessaõs) quem tem ne caza.

16 Vossas lumi desse luzi diante de gentes, que vossas bom fazeres elotros pode olha, e glarifica per vossas Pai quem tem ne ceo.

17 ¶ Naõ lembra que eu ja vi per destrui o lei ou o prophetas, eu nunca vi per destrui, mas per guarda (per faze) aquel lei.

18 Em verdade eu te faila per vosoutros, (que) ate que ceo e terra lo ser passado, nehum palavra, nehum lettra de o lei nada ser passado, ate que tudo lo ser cabado.

[1] Istes Escrituras do Novo Testamento, (que nossa Senhor Jesus Christo ja papia,) *particularmente* te da sabe, istes Mandamentos, que quer dizia.

19 Videaquel, quem seja lo quebra uma de istes mais piquinino manedmentos, e assi lo ensina por gentes, (per faze) el lo ser chomado o mais piquinino ne o reyno de ceo; mas, quem seja lo faze e lo ensina istes mandamentos, aquel mesmo possaõ lo ser chomado grande ne o reyno de ceo.

20 Porque eu te falla por vosoutros, doque *o justiça* de os escribos e (de os) phariseos, si vossa justiça non ten mais grande, vosoutro si nem hum modo nada entra ne o reyno de ceo.

21 ¶ Vosoutros ja ovi que tinhe fallado de elotros de tempo antigo, (velho tempo) vos nada mata, e quem seja te mata, lo ser ne perigo de o juizo.

22 Mas Eu te falla per vosoutros, que quem seja com sua irmaõ tem raibe sem rezão, lo ser ne perigo de o juizo, e quem seja per sua irmaõ lo falla, Raca, (vil possaõ,) lo ser ne perigo de o supremo counselho, e quem seja que lo falla vos dodo, lo ser ne perigo de o fogo de inferno.

23 Videaquel, si vos te trize vossa sagoate per o altar, e ali te cahi ne sentido que vossa irmaõ tem alun cousa contra vos.

24 Ali guarda vossa sagoate diante o altar, e anda vos, primeiro com vossa irmaõ fica bom amizade, e depois de aquel, vi, e offerço (da) vossa sagoate.

25 Accorda com vossa enimigo prestamente que hora vos tem ne o caminho com elle, ou senaõ ne alum tempo, o enimigo pode entrega per vos per julgador, e o julgador te entrega per vos per sapier, e vos te fica lançado ne prisão.

26 Em verdade Eu te falla per vos, que vos nem hum modo nada vi fora (de aquel lugar) ate que vos ja paga o trazeiro padas de dinheiro.

27 Vosoutros ja ovi que tinhe fallado, de elotros de tempo antigo vos nada faze adulterio.

28 Mas, per vosoutros Eu te falla Que quem seja com impuro deseijo te olha sobre hum mulher, ja faze adulterio com ella ne sua coração.

29 E si vossa olha dreito te offende par vos (tem um cassião per vos per offende) ranca aquel, e pincha fora de vos, porque tem mais bom per vos que uma de vossas olhos te fica destruido, e não que vossa enteiro corpo lo ser lançado ne inferno.

30 E si vossa maõ dreito (mesmo modo) te offende per vos, corta aquel, e lança fora de vos, porque doque vossa inteiro corpo per fica lançado ne inferno, tem mais bom que uma de vossa mãos te fica destruido.

31 Tinhe fallado que quemseja lo reda (bote fora) sua mulher, elle miste da per ella hum carta de seperaçaõ.

32 Mas eu te falla per vosoutros que quem seja lo reda sua mulher senaõ (forde) per rezaõ de fornicaçaõ, ella te causo per faze adultero, e quem seja lo caza com aquel mulher, (tambem) te faze adulterio.

33. Torna, vosoutros ja ovi que tinhe fallado de elotros de tempo antigo, vos ne mista da falsa juramento, mas miste paga per o Senhor vossa permita:

34 Mas Eu te falla per vosoutros, que enteiromente ne miste jura nem pelo ceo porque aquel tem o throno de Deus.

35 Nem pelo o terra porque aquel tem o estrado de sua pes: nem pelo Jerusalem porque aquel tem o cidade de o grande Rey.

36 Nem pelo vossa cabeça porque vos nonpode faze branco ou preto hum cabello.

37 Mas vossas cõmunicaçaõ desse fica sem, sem naõ, naõ, porque doque iste que seja tem mais, te vi do mal.

38 ¶ Vosoutros ja ovi que tinhe fallado, hum olho por hum olho, e hum dente por hum dente.

39 Mas Eu te falla per vosoutros que vosoutros ne miste dessa mal: mas quem seja quando buftea per vos ne façe dreito, vira per elle o outra tambem.

40 E si alum homi lo çita per vos ne hum corte de justiça, e tira vossa cabai, elle desse toma vossa mantle tambem.

41 E quem seja lo força par vos per anda hum leagou, anda com elle dous leagous.

42 Da per elle quem te pedie com vos, e ne miste vira de elle quem lo toma per deuda de vos.

43 Vosoutros ja ovi que tinhe fallado, vos miste ama per vossa vizinho, e abhoreçe per vossa enimigo.

44 Mas Eu te falla per vosoutros. Ama por vossas enimigos, benze per elotros quem te maldiçoa per vosoutros, faze bom per elotros quem te abhoreçe por vosoutros, e roga (com Deos) por elotros, quem te faze mal, e te perseguir per vosoutros.

45 Que vosoutros pode fica o filhos filhas de vossas Pai quem tem ne ceo, porque elle te faze o Sol por luze sobre o maldito gentes, e sobre o bom gentes, e te manda chuve sobre os justos, e (tambem) os injustos.

46 Porque si vosoutros te ama per elotros, quem per vosoutros te ama, vossas meriçementos que tem? O maldito gentes o mesmo te faze.

47 E si vosoutros per vossas irmaõs namais te mostra bondade, vosoutros que te faze mais doque outros? O maldito gentes o mesmo te faze.

48 Videaquel, seja vosoutros perfeito, ate assi como vossas Pai quem tem ne ceo, tem perfeito.

Capitulo VI

Toma cuidade que vosoutros nunca faze caridade, (da ismolas,) diante de gentes per fica olhado de elotros; ou senaõ vosoutros nunca recebe nem um paga de vossas Pai quem tem ne ceo.

2 Videaquel, vos quando te da ismolas, ne miste son hum trombetta diante de vos, (per da sabe vos que te faze) assi como os hypocritas te faze, ne os synagogas, e ne os ruas que elotros pode acha honra de gentes; Em verdade, eu te falla per vosoutros, (Que) elotros te acha elotros su paga.

3 Mas vos quando te da ismolas, vossa maõ escarde naõ desse sabe, vossa maõ dreito que te faze.

4 Que vossas ismolas pode ser ne segrade, e vossa Pai, quem ne segrade te olha, sua mesmo ne publico lo paga per vos.

5 ¶ (E tambem) vos quando te ora (te roga com Deus) ne miste fica mesmo per os hypocritas porque elotros te dizer per ora ne os synagogas, e cantos de ruas, que elotros pode ser olhado de gente. Em verdade eu te falla per vosoutros que elotros te reçebe elotros su paga.

6 Mas vos, quando vos te ora, entra ne vossa cambre, e quando vos ja ficha porta, ora com vossa Pai quem tem ne segrade e elle quem te olha ne segrade ne publico lo paga par vos.

7 Mas vos outros quando te ora, naõ usa vaõ palavras, assi como os gentios te faze, porque elotros te lembra que elotros lo tem ovido per rezaõ de elotros su muito palavras.

8 Videaquel vosoutros ne miste fica mesmo per elotros, porque vossas Pai (celestial) enteiromente te sabe vosoutros que cousas te mista ansque vosoutros te pedie de elle.

9 Videaquel, ne iste modo vosoutros miste roga. Pai nossa quem tem ne ceo, sentificado seja tua nome.

10 Venho o tua reyno, seja feito a tua vontade asis ne terra como ne ceo.

11 O paõ nossa de cada dia nos da hoje,

12 E perdoa nos nossas dividas, assi como nos te perdoa per nossos dividores.

13 E nos naõ desse cahi ne tentaçaõ, mas livra nos de mal, porque ten tem o reyno e o poder, e o gloria, pera tudo sempre, Amen.

14 Porque, si vosoutros te perdoa per gente elotros su offenças, vossas Pai celestial tambem lo perdoa per vosoutros.

15 Mas si vosoutros per gente nunca perdoa elotros su offenças, vossas Pai celestial tambem nada perdoa (per vosoutros) vossas offenças.

16 ¶ Torne, vosoutros quando te jingua, noõ fica mesmo per o hypocritas, com hum rosto de tristeza, porque elotros te faze feu elotros su rostas, que pode parçe per gente que elotros te jingua. Em verdade eu te falla per vosoutros (que) elotros te reçebe elotros su paga.

17 Mas vos, quando vos te jingua, enta (com azeite) vossa cabeça e lava vossa rosta.

18 Que per gente naõ pode parçe que vos te jingua, mas per vossas Pai, quem ne segrade te olha, e vossas Pai quem ne segrade te olha, ne publico lo paga par vos.

19 ¶ Vosoutros nemiste junta thesouros (riquezas) ne o terra, onde pouches e forca te dana, e onde ladraõs te entra e te furta.

20 Mas junta per vossa mesmos, thesouros ne ceo, onde nem pouche nem forca nunca dana, e onde ladraõs nunca entra e furta.

21 Porque vossas thêsouro onde tem, ne aquel lugar tambem vossas coraçaõs lo fica.

23 O lumi de o corpo tem o olho, videaquel si vossa olho tem puro (sinçero,) vossa inteiro corpo lo tem enchido de lumi.

23 Mas si vossa olho tem mal, vossa inteiro corpo lo tem enchido de escuridade, videaquel si o lumi que tem dentro de vos tem escuridade que grande tem aquel escuridade!

24 ¶ Nem hum homi nonpode servi per dous Senhors, porque elle

lo abhoreço per huma, e por outra hum lo ama, ou senaõ, elle lo tem firme per huma, e por outra hum lo disimporta, vosoutros nonpodo servi per Deos, e tambem per Mammon (ou requezas).

25 Videaquel Eu te falla por vosoutros naõ toma nem hum cuidade toquando de vossas vida, vosoutros que lo comer, ou vosoutros que lo bebe, nem toquando de vossas corpo, vosoutros com que lo tem vestido, doque comer, nontem o vida de valia mais grande, e (tambem,) o corpo do que vestidos?

26 Olha os pastros de ar! porque aquelles nunca brufla, nem nunca faze novidade, nem nunca junta ne celleiros, ainda, vossas Pai celestial te sustenta per aquelles, (e) doque aquelles nontem vosoutros muito mais bom?

27 Com muito lembranças quem de vosoutros pode faze sua mesmo hum covido mais alto?

28 E porque vosoutros te cuida toquando vestidos? considera os fules de o campo, (varze,) aquelles ne que modo te cresçonta, aquelles nunca servi, nem nunca travai.

29 E ainda, Eu te falla per vosoutros, que ate Salomão ne tudo sua gloria (grandeza) non tinhe vestido assi (bunito) como huma de istes (fules).

30 Videaquel si Deos assi te vesti os fules de o campo, que hoje te fica, e amiam tem lançado ne forno (ou fogo,) Nontem sua vontade muito mais pera vesti per vosoutros? O vosoutros de bem pouco fe!

31 Videaquel, non toma cuidade fallando, nos que lo comer, ou nos que lo bebe? ou nos com que lo tem vestido?

32 (Porque tudo de istes cousas os Gentios te busca,) porque vossas Pai celestial (bemfeito) te sabe que vosoutros tem necessidade de istes cousas.

33 Mas, primeiro vosoutros miste busca o reyno de Deos, e sua justiça e (aquelhora) tudo de istes cousas per vosoutras lo ser tudo.

34 Videaquel naõ toma nem hum cuidade toquando de amiam, porque o amiam lo toma cuidade toquando os cousas que per aquel te compete. Per cada hum dia o mal tem baste, que te compete per aquel dia.

Capitulo VII

Nao julga, que vosoutros nunca ser julgado.

2 Porque com que julgaçaõ vosoutros te julga (per gente) vosoutros (tambem,) lo ser julgado (de Deos,) e com que medida vosoutros te medi, aquel mesmo per vosoutros lo ser medido torna.

3 E porque vos te olha o mote (piquinino erro) que tem ne olho de vossa irmão, e nunca considera a grande faltançe que tem ne vossa mesmo olho?

4 Ou quely vos lo falla por vossa irmaõ, Eu desse tira o mote fora de vossa olho; e Olha! hum grande faltanço tem ne vossa mesmo olho?

5 Vos hypocrita! primeiro, fora de vossa mesmo olho, pincha aquel grande faltançe e aquelhora, mais claramente vos lo olha per tira o mote fora de vossa irmão su olho:

6 ¶ Aquel que tem santo, naõ da per os cachors nem pincha vos-

sas aljoffries diante os porcas, ou senão (istes bom cousas) aquelles (porcas e cachors) lo massa baixo de pe, e torna lo vira, e lo rompa per vosoutros.

7 Pedie (com Deos) e aquel lo ser dado per vosoutros, busca, e vosoutros lo asserta, bate, (per o porta de misericordia,) e per vosoutros aquel lo ser aberto.

8 Porque cada hum pessaõ quem te pedie (ne dreito modo,) te recebe, e elle quem te busca, te asserta, e per elle quem te bate o porta lo ser aberto.

9 Ou, entre de vosoutros, qui homi tem, quem per sua filho lo da hum pedra, elle quando te pedie pão?

10 Ou, si elle te pedie hum peixe, elle lo da hum serpente.

11 Antos, si vosoutros, tendo mal, te sabe perda per vossas filhos bom cousas, que tanto mais vossas Pai quem tem ne ceo lo da bom cousas per elotros quem te pedie de elle.

12 Videaquel tudos cousas que seja que vosoutros te querre que gente per vosoutros miste faze, o mesmo (cousas,) vosoutros miste faze per elotros, porque iste tem (o mandemento,) de o lei, e de o prophetas.

13 ¶ Entra vosoutros ne o porta estreito, porque largo tem o porta, e largo tem o caminho que te leva per destruição, e bastantos tem quem ne aquel te alcança.

14 Videque estreito tem o porta, e estreito o caminho que te leva per vida, e poucos namais, aquel te asserta.

15 Toma cuidado de falso prophetas, quem per vosoutros te vi, ne vestidos de ovelhas (de enganho,) mas dentro, elotrem tem bem maldito.

16 Vosoutros lo conheçe per elotros, de elotros su frute, gente te panha ouves de espinhos? ou bom fruite de mal albris?

17 Ate assi, cada hum bom albri te produçe bom fruite, mas hum mal albri mal fruite nenhum mal albri nonpode produçe fruite bom.

18 Hum bom albri non pode produçe mal fruite, nem, hum albri corrupto non pode produçe bom fruite.

19 Cada hum albri, que nunca produçe bom fruite tem cortado e pinchado ne o fogo.

20 Videaquel de elotros su fruite, vosoutros lo conheçe per elotros.

21 Naõ cada um pessaõ quem par mi te falla Senhor! Senhor! nada entra ne o reyno de ceo, mas elle (namais,) quem te faze o vontade de meu Pai quem tem ne ceo.

22 Bastanto (pessaõs) lo falla par mi, ne aquel dia (de julgaçaõ,) Senhor, Senhor, nos nunca prophecia ne tua nome? e ne tua nome ja lança fora diabos? e ne tua nome ja faze bastantos obras espantoso?

23 E aquelhora, per elotros Eu lo declara, Eu nem hum tempo nunca conheçe, per vosoutros, sahi de mi, vosoutros quem te faze iniquidade!

24 ¶ Videaquel, quem seja te ovi istes meu ensinos, e aquelles te faze, Eu lo papia de elle assi como de hum homi sizo, quem je concerta sua caza riba de hum rocha (muito grande e força pedra).

25 E o chuve ja cahi, e os aguas, ja vi e os ventos ja abala, e ja bate sobre aquel caza, e aquel nunca cahi, per o causo que aquel tinhe fundado riba de um rocha.

26 E cada hum pessaõ quem te ovi istes meu ensinos e aquelles nunca faze, toquanto de elle eu lo papia assi como hum homi dodiçe, quem sua caza ja concerta riba do area.

27 E o chuve ja cahi, e os aguas ja vi, e os ventos ja abala, e ja bate sobre aquel caza, e aquel ja cahi e grande tinho o ruido do aquel.

28 E aquel ja vi per susto, Jesus quando ja caba istes ensinos, que os gentes tinho espantado com sua doutrino.

29 Porque Jesus ja ensina per elotros assi como huma quem tinho com authoridade (poder) e não assi como os escribos.

7. O dialecto portuguez de Malaca

John Cameron, que viajou na India ha vinte e tantos annos, descrevendo na sua obra *Our tropical possessions in Malayan India* (London, 1865, pag. 374[1]) os descendentes dos portuguezes estabelecidos em Malaca, os quaes são uma raça mixta de portuguezes e indigenas, nota que durante um periodo de cerca de dois seculos elles têem conservado a sua lingua original e continuam a fallar uma especie de portuguez corrupto *(broken portuguese);* que elles são grandes musicos, que são muito prolificos, e que ao caír da tarde os homens casados se assentam nas varandas de suas casas dando para a rua, tocando geralmente no violino alguma melancholica melodia para divertimento de suas mulheres e familias que estão reunidas em roda d'elles.

8. Dialecto macaista

D'este só conhecemos o que nos ministram as duas cartas que reproduzimos; a primeira foi publicada em 1865 no *Ta-Ssi-Yang-Kuo,* jornal de Macau, e reproduzida na *Gazeta de Portugal;* a segunda temol-a n'uma folha avulsa, tiragem á parte de um jornal provavelmente o mesmo *Ta-Ssi-Yang-Kuo.* As cartas foram forjadas por quem conhecia a lingua litteraria; um documento verdadeiramente popular faltanos infelizmente.

Não ha n'esse dialecto distincção de generos; o *P. S.* da primeira carta indica que a influencia do jornalismo ía introduzindo as fórmas da lingua mãe.

O plural é expresso pela repetição da palavra: *china china,* os chinas; *criança criança,* crianças; *sium sium,* senhores; *amigo amigo,* amigos.

As fórmas verbaes estão reduzidas a uma, que é o infinito geralmente, ou uma fórma do presente, a qual póde ser empregada como infinito; assim *calote de vae pescar,* tolice de ir pescar; *hora de vem,* hora de vir; *pôde tem,* póde ter. A mesma fórma serve para todas as pessoas.

O *r* do infinito foi apocopado excepto no verbo *ser: tirá,* tirar; *mandá,* mandar; *fazê,* fazer; *corê,* correr; *subí,* subir.

[1] *Apud* Carl Engel, *An Introduction to the Study of National Music.* London, 1866. 8.°, p. 351.

O presente é expresso: 1) pelo infinito: *vosso tio gostá*, vosso tio gosta; 2) por uma fórma do presente: *china sam tolo*, o china é tolo; 3) por *tá* (está) com o infinito: *tá fazê*, faço, fazes, faz, etc., *tá andá*, ando etc., *tá fallá*, fallo, etc.; 4) por *tá* (está) com a fórma do presente que toma o logar do infinito: *tá vai*, vou vao, etc.

O futuro é expresso por *logo* com o infinito: *logo ficá*, ficará; mas n'alguns casos esse processo serve para exprimir o presente.

O passado é expresso: 1) pela formula fundamental: *augmentá*, augmentou; 2) por *já* com a fórma fundamental: *já principiá*, principiou; mas este processo parece tambem exprimir o presente.

Conservam-se os participios passivos: *impavado*, *costumado*, etc.

Notam-se, entre outras, as seguintes fórmas: *nesiê*, ser preciso, dever; *promódi*, por amor de, porque; *pastro*, passaro; *assilai*, tal.

Carta de Siára Pancha a Nhim Miquela

Macáo 3 *de janero de* 1865.

«Minha querida Miquéla.

Tanto tempo eu já querê respondê vosso carta, mas sempre sentí doente, porisso tanto tardá este resposta. Vôs minha Miquéla nadi ficá reva cô eu; vôs sabe qui eu mutu querê pra vôs, e se nunca escrevê mas ásinha sam prómódi já tá múto véla. Otro dia acun-ha mofina di ama abri janella, eu irgui cedo, sai fóra, apanhá vento, ficá constipada. Primêro tomá sincap, misinha de vento, raspá mordicim, mas nunca pôde ficá bom, cada dia sintí corpo más fraco, perna azedo. Dôtôr falá sam doença d'idade, mas eu nunca sintí assim, chomá mêstre Ahoi, qui tudu gente falá sam capaz, elle já curá. Agora sentí um poco forte, mas mêstre nômquêro que eu fazê mutu força, e mandá tomá ninho di pastro.

Nosso Macáo, minha Miquéla tem grande novidade. Governo nôvo sam capaz e já virá tudo. Mas um pôco tempo tudo lôgo ficá virado. Rua agora já nomtêm pedra pedra, sam otro lai môdo, fazê duro cô téra. Fazê gosto olá di bonito. Pra vanda do mar, na praia grandi, já botá qui tanto urvi; tudo gente cioso e intrimittido falá numpresta, qui sabe qui foi, mas eu nunca sintí assim. Campo de Sam Francisco já fichá, fazê jardim, escada grande já nomtêm, fazê ali muro; ali riba, aquelle calvario tamêm tí vai iá pra fazê quartel di soldado, qui já principiá, logo ficá grandi. Porta di Campo e di Santo Antone já nomtêm tamêm, agora sam rua largu, tudo aquelle urvi fronte di Gularte sua casa já cortá, china china falá corê sangui, mas eu sentí china sam tôlo. Aquelle porcaria di fonti perto di cano real tamêm já tapá, abri poço alá vanda. Tudu poço agora tem sua cobertor bem fêto, e bomba di novo invenção.

Si minha Miquéla agora pôde ólá tudo aquelle lugar, certo nadi erê qui sam Macáo.

Santo Antone qui bem fêto! Aquelle bariga di adro já vai dentro, ficá bonito, e rua mas um pôco grandi. Padri nunca contente, mas qui cuza logo fazê! A nôte já nômtem aquelle escuridám costumado, hoze

candla tem tres bico, e china china si querê furtá azête vai cartá mati. Gouti di Senado sempre durmido, nomtêm aquelle genio di Governo, que tem ôlo vivo, e nadi iscapá nada. Cêdo, cêdo, já tem na rua, tirá telhêro di botica, raucá pagôde di porta di china china, cortá rua fazê drôto, qui fazê gosto ólá.

Otro dia Voluntario inglez d'Hongkong já vem Macáo! Qui lai di bonito! eu já vai ólá tamêm. Macáo parêce França, tudo gente fallá. Tem tifin, rivista di tropa, salva di vinte un-ha tiro, balsa á noite qui bonito, gastá cô tudo aquello flamancia tres mil fóra pataca. Algum gente qui nunca gostá assilai cuza, já vai ólá cova de Sam Francisco Xavier eu tamêm muto quero pra santo, mas nunca vai.

Agora tá gavartá Sam Paulo; achá un-ha buraca na Monte, ôtro na frontipicio di igreja e gente antigo fallá sam caminho di basso di têra qui vai di igreja pra fortaleza na tempo de paulista, porisso agora gavartá tudo aquello mato, pra descobri caminho. Tudu gente fallá ali tem tanto pataca qui jisuita interá, eu achá graça; pôde crê? Padri padri qui cusa pôde tem? coitado! Eu sinti sam historia. Mesmo caminho, qui sabe? Elôtro qui cuza fazê cô caminho basso di têra? Elôtro nunca sam heregi como pedrêro livre, qui cusa fazê di lugar pra escondê?

Minha Miquéla nomêstê esquecê di mandá nova di tudu qui ólá ali; si marido tem vagar mandá tamêm escrevê. Gente tá fallá qui moda di balám já cavá pra nhonhonha, eu sintí qui si sam assim sam fortuna.

Eu tamêm nompôde gostá di assilai cusa; quando vento grandi sam muta pirigoso, e quando incostá na janéla, ou ficá capido, impurado pra traz, frôvê sangui ólá.

Dá bença pra criança criança e nomêstê esquecê de tudu aquello receita qui eu já mandá quando apanhá saván. Nomestê lembrá sam brinco, eu fallá cô experiencia: tudu gente ri, qui foi eu pilá costa a noite intêro, mas eu inda tá vivo, elôtro tudu qui faze cusa de moda tá morê mas ásinha.

Eu já mandá dos muchôm di achar di gamên, un-ha balsa di sueri pedra, dos jara di jagra para vós e criança criança, mas nunca achá resposta, porisso eu ficá cô pençáu.

Já intrá anno novo; muita bom anno, filicidade, vida, saude para vôs, vosso marido e tudo criança criança. Nosso senhôr deçá criá. Eu tá muto lembrá pra vós, querê mandá um pôco de alúa mas nôempôde, paciencia. Masqui nompôde acetá bom vontade d'este vella chacha qui mutu querê pra vôs.

Dá lembrança pra Pepe, falá cô elle múto contente eu já ficá, ouvi falá, elle já ficá bom de espinhéla. Vosso tio padri tamêm mandá lembrança, elle coitado nunca sam nada já. Nhum Quimquim já vai viazi, imbarcá de piloto na navio que levá chachai, ganhá tanto pataca.

Vosso chacha
Pancha.

P. S.—Vós lôgo sintí grandi differença na minha modo di escrevê. Eu já aperfeçoá bastante neste um pôco tempo. Tudu este escóla novo de machu e femia, e aquello gazetta *Ta-ssi-yang-kuo* já fazê indretá bastante nosso lingu.

Carta de tia Paschoela á sua sobrinha Florencia

Macáo, 5 de otubro de 1869.

Minha Querida Chencha.

Como vôs lôgo querê sabe tudo novidade de Macáo, porisso que eu já pedi com tudo sium sium, parceero de jogo, pra trazê tudo novidade de fóra pra eu pôde escrevê pra vôs.

Macáo agora já tá muto mudado; já nontêm inveja de Éropa. Pra tudo rua são careta, são cavalo; de tanto que já tem, que já nontêm lugar pra guardá; maior parte ficá pinchado na meu de rua de S. Lorenço. Agora tá fazè ung-a casa qui lai de grande na horta de governador, tamem pra guardá careta e cavalo. Olá um pôco, minha Chencha, fazê palacio na cidade pra cavalo, tudo pobre pobre vae pará pra casinha de campo!

Agora tá com força de preparà pra recebe principe de Inglaterra. Já pedí com sium Carlito pra dá moda pra fazê ung-a cadera pra cartá principe. Querê cadera que tem quatro pinga pra oito cule; mas como vosso tio gostá muto de figurá, já lembrá de pedí pra convidá oito comendador pra cartá aquelle bemaventurado principe, pra vosso tio tamem pôde entrá na meu.

Nosso governador lôgo vae ficá na casa vasio de sium Lorenço pra dá palacio pra principe.

Nosso juiz tá perto vae já pra Goa. Coitado de vêlo, já soffrê ung-a molestia bem de grande que escapá morê. Agora tá andá côtê; assim mesmo este um pôco de farizêo nunca perdoá de desesperá aquelle pobre vêlo, que se nunca são cuidado de Padre Maximo, com sua misinha tazera, já vae já pra otro mundo!

Já cavá lua de batê páu, mas lua de batê costa de china china inda nompôde cavá, porisso que este um pôco desabrogunhado rabo de porco cada vez tá mas atrevido.

Otro dia eu já assisti festa de Senhora Rozario. Sentí na greza ung-a chêro bem desagradavel. Vem casa a note, tá contá com tio João, elle então que dá conta, que já levantá um pôco alto parte trazero de capela-môr; já fazê ali ung-a lugar pra botá imundicia. Quando vem chua, tudo agu de aquelle porcaria porcaria, contaminá pra pê de parede, vem pra dentro de capela-môr. Vôs inda lôgo ovi, minha Chencha, que algum dia inda lôgo mudá tudo cavalo de policia pra dentro de greza, pra tem mas cham pra fazê palacio grande grande pra official. Agora já nunca contentá cada ung-a com dos cela. Cada official querê sete cela, qui lai môdo pôde chegá?

Padre Rondina já livrá de ung-a desgraça qui lai de grande! Que sabe qualo mapeçoso aquelle que já vae tirá de sua lugar ung-a botle de enxarope, botá ung-a botle de verniz. Coitado de padre, sem sabe de nada, virá muto socegado na sua botle pra copo de agu; quando bebê primero pucado, então que sentí que são verniz! Nunçám obra de maliçombrado! querê vernizá tripa de gente como vernizá cadera, canapé?!

Vosso tio tá muto triste. Este anno já perdê quanto mil pataca com

laia laia de condenação de historia. Se o menos pôde tem agora grande negocio de cule, tamem são bom; pôde chubi um pochinho de aqui, um pochinho de ali, discontá o que já perdê. Jogo este anno já nompôde tirá muto. Dispeza cada vez mas grande. Familia augmentá. Divida nompôde cobrá; maior parte são gente grande grande que tá devê. Assim mesmo, minha Querida Chencha, inda nompôde quexá de falta que comê; perna de presunto que china china mandá de presente, armado de ung-a ponta pra otro ponta de cusinha; mas vosso tio nompôde comê ôtro cusa mas que pece fino, chilimeçô de casa algum vez lamei di Cantão.

N'otro tempo pescaria são na agu salgado; agora são na agu doce. Que sabe qualo bragero aquelle que já inventá que na Praia Grande tem pescaria de pece pedra, aquelle rapaz de botica de Neves já cae na calote de vae pescá anote fronte de sua botica. Pinchá linha cae na sêco; em quanto tá safá linha, senti comedura; quando puça, apanhá ung-a casta de susto qui laia de grande! era que são ung-a cuzaçuso de rato, como ung-a letão, ganchado na anzol. Aquelle tentação de animal principiá côrê pra tudo Praia Grande com linha na boca, e pobre de rapaz a côrê traz de tal rato pra salvá sua linha; de sorte que já fazê ri tudo aquelle gente na Praia Grande com tal pescaria de pece pedra, que ramatá, largá sarangong.

Manjor Julio já tem quanto mez já de morto. Aquelle tolo de Boletim parte que dá peza sua viuva, vae dá pra tudo sua amigo amigo. Que sabe se na Ropa são costumado assim?

Tudo vez que eu sae na janella intopá com ung-a official de vapor que casta de-chistoso, mas historero, sevandizio que más nompôde ser. Tem ung-a nome que laia de galante; eu já nompôde lembra se são Homecaco o Monocaco, mas são ung-a cusa assim de caco. Máu genio, lingustero, intremetido, até querê intremetê com emprego de sium Miguel Simões, e tá fazê conta já de intrá naquelle lugar. Pra tudo gente são meçá chavoqueada, tirá dente, tira lingu; mas medrozo como cachoro china.

Como já são hora de vem tudo parecero de jogo, eu já nompôde escrevê mas novidade. Amestê olá fazê chá, tirá suere, mandá fazê torada, comprá manteguilha na botica de barbero.

Adeus, Minha Querida Chencha, Deus conservá saude pra vos e pro vosso Abelardo, Eu, vosso tio, tia tia, tio João, tudo mandá muto lembrança.

Vai ung-a botle de achar laia laia e ung-a flandi de bolo batê-pau torado.

Vosso tia e amiga
Pascoela.

9. Appendix

O portuguez alterado como o fallam os negros e os estrangeiros que possuem mal a lingua tem sido muitas vezes imitado, principalmente no theatro e na litteratura de cordel. Apesar do interesse secundario d'essas imitações damos, alguns specimens.

(Indo Gonçalo seu caminho, apartando-se do Clerigo, topa hum Negro grande ladrão, e entra cantando buscando hum mulato: e diz Gonçalo, depois de cantar o Negro:)

GONÇ. Dize, negro, es da côrte?
NEG. Qu'esso?
GONÇ. S'es da côrte?
NEG. Ja a mi forro, nam sa cativo.
Boso conhece Maracote?
Corregidor Tibão he,
Elle comprai mi primeiro;
Quando já paga a rinheiro,
Daita a mi fero na pé.
He massa tredora aquelle,
Aramá que te ero Maracote.

GONÇ. Mais tredor era o rascote
Que m'a mim furtou a lebre.
NEG. Qu'he quesso que te furtai?
GONÇ. Hũa lebre de meu pae,
De meu cunhado huns capões,
E marmelos e limões;
Abonda tudo lá vai.
NEG. Jesu, Jesu, Deoso consabrado!
Aramá tanta ladrão!
Jesu! Jesu! hum caralasão:
Furunando sá sapantado.
Jesu! cralasam.

Pato nosso santo paceto ranho tu e figo valente tu e cinco sego, salva tora pão nosso quanto dão dá noves caro he debrite noses ja libro nosso gallo. Amen Jeju, Jeju, Jeju.

Sa pantaro Furunando.
Dize, rogo-te, fallai:
Conheces tu que furtai?
Porque tu nam bruguntando?
GONÇ. Perguntarei por meu pae.
NEG. Cal-te: Deoso cima mi,
Que furtai ero oiai.
Deoso nunca vai dormi,
Sempre abre oio assi,
Tamanha tu sapantai.
Guarda mar esso mai,
E senhora Prito santo.
Nunca riri homem branco
Furunando furta real.
Não sabe mi essa careira:
Para que? para comê?
Muito comê muito bebê
Turo turo sa canseira.
Vira mundo turo canseira:
Senhor grande, canseira;
Home prove, canseira;
Muiere formoso, canseira;
Muiere feio, canseira;
Negro cativo, canseira;
Senhora de negro, canseira;
Val missa, canseira;
Prégação longo, canseira;
Crerigo nam tem muiere, canseira;
Crerigo tem muiere, canseira;
Grande canseira:
Firalgo sôlto, canseira;
Chovere muto, canseira;
Não póde chovere, canseira:
Muito filho, canseira;
Nunca pariro canseira;
Papa na Roma canseira;
Casa ratinho, canseira;
Não vamo paraiso, grande canseira;
Vira reza mundo turo turo he
Canseira.
Mi nam falla zombaria.
Pos para que furtai?
Que rlabo sompreza!
Abre oio turo ria.
Mi busca mulato bei.
Ficar abora, ratinho.

GONÇ. Eu aguardo meu padrinho,
Que va comigo a meu pae.
Eu vou ao rio perem,
Porque hei sêde e beberei,
E sicais que nadarei
Emquanto o clerigo vem.
Leixarei o chapeirão
Mettido nesta moutceira,
E o cinto e esmoleira,
Porque lá logo o verão,
Não me esqueça outra tal feira.

(Escreita o negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o al, e fasto que se vai entra dizendo:)

NEG. A mi abre oio e ve
Ratinho tira besiro:
Ere dexa aqui condiro:
Não sei onde elle mettê.
Senhora Santo Francico,
Santa Antonia, San Furunando!
Pois mi ha d'andar buscando,
E levare elle na bico
O servo Santa Maria.

Sabe a regina Matho misercoroda nutra d'hum cego savel até que vamos. A oxulo filho d'egoa alto soso peamos ja mentes ja frentes vinagre qu'elle quebrárão em balde ja ergo a quante nossa ha ilhos tue busca cordas oculos nosso convento e geju com muito fruta ventre tu ja tremes ja pias. Senro santa Maria dinhero me lá darão he ve esa carta da me mucho que furte cantara Furunando.

(Acabada assim esta salve regina, *acha o Negro o que Gonçalo leixou escondido, e diz:)*

Ei-lo aqui sa! Deoso graça.
Graça Deoso esse he capote;
Nunca dexa aqui palote:
Ratinho, quem te forcasse!
Aramá que te ero villão!
Que palote saba sam,
Barete tambem bo era.
Mi cansai e á deradera
A mior fica sua mão.
Vejamos bolsa que tem:
Hum pente para que bo?
Tres ceitil sa qui so:
Ratinho nunca bitem.
O riabo ladarão!
Corpo re reos consabrado!
Essa villão murgurado
Sa masa prove que cão.
Quando bolsa mi achase
Fernão d'Alvaro, esse si;
Nunca pente sa alli.
Ah reos! quem te furtasse
Bolsa, Nuna Ribeiro!
Home bai busca rinheiro:
A toro ere rise:
Ja rinheiro feito he.
Aramá que tu ero gaiteiro!
Fernão d'Alvaro m'acontenta;
Elle nunca risse nam.
Logo chama ca crivam,
—Crivaninhae esormenta;
Toma rinheiro, vas embora.
Boso, home de bem, que buscae?
—Mi da curciro agarba sae.
—Boso que buscai corte agora?
—Buscae a Rei jam João,
Paga minha casaramento.
—Dá ca, mozo, trae esormento;
Crivaninhae boso, crivão:
Home, tomae hum dos quatro sete:
Vas embora turo turo.
Sua rinheiro sa segura,
Mioro que elle promete.
Marco Estevez moladeiro.
Elle rise: Santa Maria!
Rinheiro boso queria?
Bai bai dormir paieiro.—
Boso que pedir, muieiro?
—Tanta filho mi tem qui...
—Quem manda boso pari
Boso grande parideiro?
—Boso seria muito bó:
Vaca ne Francico paia;
Tenha seis filho e mi so
Nam temo comere ni migaia.
Elle rise:
Que culpo tem a Rei jam João
Boso parir como porco,
Bai buscai sua pae torto,
Que dai a sua fio pão.
Velha, que bose queré?
—Molla, que a mi pobre sai.
Elle rise:
Porque boso nan guardai
Rinheiro que boso bebé?—
Jesu! Jesu! moladeiro
Sa riabo aquella home;
Quando a mi more da fome
Nunca buscai sua rinheiro.
Porém graça a Reos, a mi
Nunca minga que furtá;
Pouco ca, pouco relá,
Pouco requi, pouco reli,
Grão e grão gallo furtá.
Quem furta, home sesuro:
E louvar a Reos com turo
E senhoro Prito Santo.
A mi bai furta entanto
Camisa que sá na muro.

Gil Vicente, O Clerigo da Beira.

O preto, e o bugio ambos no mato discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brazil. Lisboa. Na officina patriarchal de Francisco Luiz Ameno 1789. 4.º 21 pp.—Excerpto:

«Já non pore deixá de incricá os cabeça, e confessá, que vozo doutrina sá huns doutrina tão craro, e verdadeiro, que pla mim sá huns admiraçom non só platicada per toro o mundo. O trabaio a que vozo obliga os pléto, e os blanco, sá huns trabaio a que ninguem se pore negá sem melecé huns cóssa bom; porque os genia, e os incrinaçom do natureza a toro gente move pala ere, e fóla de trabaio ninguem

pore vivé em satisfaçom. Mim agola sem trabaiá nom pore conté, ainda que mim ter abominaçon a captiveiro cruere de blanco, de que sá forro; com turo non aglada a mim estar aqui sem nada fazé: evita vozo tanta plogiça, os excessa de plodigo, e dos varento, que nozo poderemo toro assi havé os oira, e triunfá dos indigencia, e de turo quanto pore infelicitá. Se aqui apalecera agola uns blanco, que polo escrevé os mavioso doutrina, que vozo platicá, e toro o gente ouvire cos oreia aberto, faria ere ao familia toro do mundo hum favoro, que meoro non pore imaginá.» p. 21.

II. DIALECTOS HESPANHOES

1. Creolo de Curação

Esta ilha, cujo nome é lembrado por um licor bem conhecido, que d'ella tomou o seu, é uma das tres ilhas denominadas de «sotavento»; está situada em frente da costa de Venezuela entre a lat. 12° 3' e 12° 24' e long. 68° 47' e 69° 16' Gr.

Com as outras ilhas do grupo pertenceu á Hespanha depois de seu desenvolvimento até 1648 em que a Hollanda ficou de posse d'ella, e conservando-a até hoje, apenas com uma interrupção produzida pelo dominio de Inglaterra de 1807 até 1815. A primitiva colonisação hespanhola foi muito limitada. Hoje a população da ilha sobe a mais de 15:000 habitantes, de que apenas cêrca de um quinto são brancos. A população negra parece ter passado para lá em grande parte das colonias hespanholas; o dialecto creolo que ella falla tem por base o hespanhol e contém alguns elementos lexiologicos ministrados pelo hollandez. O sign. E. Teza consagrou a esse dialecto um artigo no *Politecnico*, vol. XXI, p. 342–352, tendo por base de investigação o livro: *Catecismo pa uso di catolicanan di Curaçao. Cathecismus ten gebruike der katholyken van Curaçao door Martinus Joannes Niewindt, bissehop van Cytrum, karmerheer van Z. H. en apostolisch vicarius van Curaçao. Gedrukt te Curaçao ter drukkery van zyne doorluchtige hoogwardigheid.* Segundo o illustre professor italiano esse catechismo não foi impresso muito antes de 1845.

The Bible of Every Land, p. 270, dá-nos a seguinte noticia: «Uma traducção de parte do Novo Testamento n'esta lingua foi feita pelo rev. Mr. Conradi; e uma pequena edição do evangelho de S. Matheus foi impressa em 1846, a expensas da Sociedade biblica neerlandeza». O sign. Teza não soube da existencia d'essa traducção, de que a obra ingleza citada nos dá um specimen em orthographia hollandeza, que vamos reproduzir enterlinhando-o com as palavras hespanholas correspondentes, tanto quanto conseguimos determinal-as.

S. Matheus, cap. V v. t. 12

1. *Anto ora koe Hezoes a mira toer e heende nan eel a soobi*
Entonces hora que Jeus ha mirar todo el hombre — el a subir
o en seroe; deespues eel a sienta i soe desipel nan a bini
a un sierra; despues el a sentado y su discipulo — ha venido
seka dje.
cerca del.

2. *I eel a koemisa di papia i di sienja nan di ees manera.*
Y el ha comenzar de papiar y de enseñar — de esta manera.

3. *Bieenabeentoera ta e pober nan na spiritoe, pasoba reina*
Bienaventurado está el pobre — spíritu, por-este-obra reino
di Dioos ta di nan.
de Dios está de —

4. *Bieenabeentoera ta ees nan, koe ta jora pasoba lo*
Bienaventurado está este —, que está llorar, por-este-obra —
nan bira konsolaa.
— consolado.

5. *Bieenabeentoera pasifiko nan, pasoba lo nan erf tera.*
Bienaventurado pacifico —, por-este-obra — — tierra.

6. *Bieenabeentoera ees nan, koe tien hamber i sedoe di hoestisij,*
Bienaventurado este —, que tiene hambre y sed de justicia,
passoba lo nan no tien hamber i sedoe mas.
por-este-obra — — no tiene hambre y sed mas.

7. *Bieenabeentoera ees nan, koe tien mizerikoordia, pasoba*
Bienaventurado este —, que tiene misericordia, por-este-obra
lo heende tien mizerikoordia koe nan.
— hombre tiene misericordia con —.

8. *Bieenabeentoera ees nan, koe ta liempi di koerasoon, pasoba*
Bienaventurado este — que está limpio di coraçon, por-este-obra
lo nan mira Dios.
— — mira Dios.

9. *Biennabeentoera ees nan, koe ta perkoera paus, pasoba*
Bienaventurado este —, que está procurar paz, por-este-obra

lo nan ta jama joe di Dioos.
— — está llamado hijo de Dios.

10. *Biennabeentoera ees nan, koe ta persigido pa motiboe di*
Bienaventurado este —, que está persiguido por motivo de

hoestisji, pasoba reina di Dioos ta di nan.
justicia, por-este-obra reino de Dios está de —.

11. *Bosonan lo ta biennabeentoerado koe ta koos nan zoendra*
Vosotro-*nan* — está bienaventurado que está — — —

i persigi bosonan, i koe ta koos pa mi kausa nan ganja
y persiguido vosotro-*nan*, y que está — por mi causa — gañar

toer soorto di maloe ariba bosonan.
todo suerte de malo arriba vosotro-*nan*.

12. *Legra bosonan i salta di legria, pasoba bosonan*
Alegrar vosotro-*nan* y saltar de alegria por-este-obra vosotro-*nan*

rekompeensa ta grandi deen di Ciëloe; pasoba nan a persigi
recompensa está grande dentro de Cielo; por-este-obra — ha perseguido

di ees manera e profeet nan, koe tabata promee koe bosonan.
de este manera el profeta —, que estaba primero que vosotro-*nan*.

Para auxiliar a comprehensão d'esse excerpto damos a versão hespanhola dos doze versiculos de S. Matheus.

1. Mas viendo Jesus este gentío, se subio á un monte, donde habiéndose sentado, se le acercaron sus discípulos;

2. Y abriendo su boca, los adoctrinaba diciendo:

3. Bienaventurados los pobres de espíritu, porque de ellos es el reino de los cielos.

4. Bienaventurados los que lloran, porque ellos serán consolados.

5. Bienaventurados los mansos, porque elles poseerán la tierra.

6. Bienaventurados los que tienen hambre y sed de justicia, porque ellos serán saciados.

7. Bienaventurados los misericordiosos, porque ellos alcanzarán misericordia.

8. Bienaventurados los limpios de corazon, porque ellos verán á Dios.

9. Bienaventurados los pacificadores, porque ellos serán llamados hijos de Dios.

10. Bienaventurados los que padecen persecucion por la justicia, porque de ellos es el reino de los cielos.

11. Bienaventurados sereis cuando los hombres per mi causa os maldijeren, y os persiguieren, y dijeren con mentira toda suerte de mal contra vosotros.

12. Alegráos y regocijáos, porque es muy grande vuestra recompensa en los cielos: del mismo modo persiguieron á los profetas que ha habido antes de vosotros.

Como se vê, n'este dialecto não ha nenhuma distincção formal de genero nem de numero: a pluralidade exprime-se pela adjuncção de *nan*, que é o pronome da terceira pessoa plural: *ces nan*, estes ou aquelles; *pober*, pobre; *pober nan*, pobres. Quando um substantivo é precedido de adjectivos só se segue o signal do plural depois do substantivo: *toer el heende nan*, todos os (aquelles) homens. O presente é geralmente expresso pela fórma *ta* (=está) e o infinito, tendo todos os infinitos perdido o *r* final.

O futuro é expresso por *lo* (=luego?).

2. Hespanhol fallado nos campos de Buenos-Ayres e Montevideu

M. Maspero publicou em *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. II, p. 51–65 (Paris, 1875), um artigo sobre as alterações experimentadas pelo hespanhol no Rio da Prata. Essas alterações são sufficientes para lhe dar uma feição dialectal assás bem caracterisada; mas são muito differentes das que determinam os dialectos creolos, como o de Curaçáo, etc.; são principalmente lexiologicas e phoneticas. A vida nova dos europeus n'essas regiões deu principalmente logar á creação de palavras novas do velho fundo do idioma nacional e á introducção de termos das linguas indigenas, por exemplo, de *pié* fez-se *pialar*, pear um cavallo, de *manco mancarron*, um cavallo máo, que não serve para nada. Alguns dos termos das linguas indigenas adoptados encontram-se tambem no portuguez do Brazil e parte vieram até ás linguas europêas, como *jacaré, yacaré* (termo guarani). As alterações phoneticas encontram-se sobretudo na linguagem do camponio oriental ou *Porteño*.

III. DIALECTOS FRANCEZES

1. Creolo da ilha Mauricio

A este dialecto pertencem algumas poesias da collecção intitulada: *Les essais d'un bobre africain*, seconde édition, augmentée de près du double, et dédiée à madame Borel jeune, par F. Chrestien. Ile Maurice, G. Deroulledc et Cie, 1831, pet. in-4. Achámos a indicação d'esta obra no catalogo da bibliotheca de Burgaud des Marets e n'um artigo de M. P. Meyer: *Revue critique*, 1872, artigo 50. A ilha Mauricio, depois do dominio do portuguez e hollandez (1598–1715) esteve em

poder dos francezes de 1715 a 1810, em que se tornou possessão ingleza.

O dr. A. Bos publicou na *Romania* muito recentemente (vol. IX, p. 571–578) uma nota sobre o dialecto creolo d'essa ilha, a qual pudémos ler ainda á ultima hora. Resumimos o seu conteúdo.

«Esse creolo, diz o auctor, formado para o uso commum, laço de communicação entre as differentes raças que habitam a ilha, é muito desprezado; não se escreve e não é empregado pelos brancos senão para se fazerem comprehender dos seus creados de côr. O plantador de Mauricio não falla creolo senão a seus servos ou trabalhadores, negros ou indios, e ainda a seus cães de caça, repellindo para longe de si a idéa que esse *patois* informe possa jamais converter-se n'uma lingua. E, todavia, o creolo de Mauricio, como diremos mais abaixo, cresce e prospera de dia em dia; encaminha-se para a fortuna de uma lingua.»

Com relação á phonetica notaremos o seguinte:

1. O accento tonico não se desloca.

2. Ha alongamento frequente de *a: ā-ccent, pā-rent.* Esse alongamento é de lei quando ha quéda de consoante: *pā-ti* = *partir* (alongamento por compensação).

3. *E* medial atono muda-se em *i: vini* (venir) ou cae; e final atono cae sempre.

4. *Ui* muda-se em *i; oi* ás vezes em *o.*

5. *Ch, g* (e, i), *j* mudam-se respectivamente em *ç, z.*

6. *R* final cae sempre, até nas ligações como *tre, bre;* p. ex. *cambe* = *chambre. R* medial entre vogal e consoante cae igualmente: *Zoze* = *Georges.*

7. *X* é pronunciado como *s* (ç): *éçélan* = *excellent.*

Com relação ás fórmas cis o mais interessante:

1. Não ha distincção de generos: permanecendo a fórma masculina para o masculino e feminino, *mon fame, ton lakaze,* ma femme, ta maison.

2. A distincção do numero tende igualmente a desapparecer. Os pronomes pessoaes que são palavras differentes para o singular e plural conservam-se: *moi,* eu; *nou,* nós; *toa,* tu; *vou,* vós.

3. A suppressão do artigo é quasi completa. Como no dialecto da Trinidad o artigo e ainda a preposição partitiva coalescem com varias palavras: *lacaze,* casa (maison); *dilo, dipin, divin (de l'eau, du pain, du vin).* Como no dialecto da Trinidad se diz *zoreis* = oreilles (o *s* é o resto do artigo *les),* assim n'este temos, p. ex.: *zozo,* oiseaux. O *z* apparece tambem no singular: *ine zozo,* un oiseau, *li zozo,* les oiseaux.

4. Pronomes: *moi, toa, li* (lui); *nous, vous, li.* Os pronomes sujeitos do singular *je, tu, il* do francez desappareceram pois; o pronome da terceira pessoa do plural é identico ao do singular.

5. Uma unica fórma verbal — o infinito, é empregada no creolo da ilha Mauricio. O passado é expresso pelo infinito do verbo principal com o infinito auxiliar *fini: moi fini travaïé,* j'ai travaillé; *mon fini broçe chambre,* j'ai fait *(brosser)* la chambre. Para a expressão do futuro empregam-se com o infinito diversas locuções adverbiaes. Para alguns verbos, segundo o dr. Bos, essa fórma unica que substitue todas as outras não saiu do infinito, mas sim do presente: *koné* = connais, connaît;

voulé = voulez. A explicação verdadeira d'essas fórmas está n'outro principio que o artigo que analysâmos nos ministra. Os infinitos em *oir* e *re* foram substituidos por infinitos analogicos pelos typos em *e (er)* e *i (ir)*; assim *éteindre* por *éteignir*, *tezi* por *taire*. Estas fórmas assentam sobre as do plural *éteignons, éteignez, éteignent, taisons, taiser, taisent*, ou antes sobre os substractos *éteign-, tais-* com a desinencia do infinito *i*. O dr. Bos, tendo primeiro explicado *voulé* por *voulez*, apresenta-o depois como exemplo d'este processo.

6. O verbo *avoir* foi substituido por *gagner* (como na Luisiana).

7. Não se usam conjuncções; as proposições são raras. A construcção approxima-se do typo chinez: *moa kosé vou alé baza*, je vous dis (cause) d'aller au marché (bazar); *toa guété çival pa pati*, tu regarderas (guetter) á ce que le cheval ne parte pas; *mamzèle kosé kème ça mamzèle pa vini mamzèle faï*, mademoiselle m'envoie vous dire précisément qu'elle ne peut pas venir, parce qu'elle est malade; *vou kontan moa alé promené*, êtes-vous satisfait, aimez-vous que j'aille me promener?

Com relação ao vocabulario diz-nos o nosso auctor: «O creolo apenas conservou do francez poucas palavras, as palavras que bastam para exprimir as primeiras necessidades da vida, as relações mais ordinarias. Evidentemente seria difficil e mesmo impossivel tratar um assumpto de philosophia em creolo; o mesmo succedeu provavelmente com o francez nos seus primeiros começos. A essas poucas palavras francezas que formam quasi em totalidade o seu vocabulario, o creolo ajuntou algumas recebidas dos paizes vizinhos: *baza*, mercado, *salam*, bons dias; *tiffin* (pronuncia-se *toffin*), o paladar, d'onde *tiffiner*, provar, palavras que pela maior parte se acham no francez em uso em Mauricio.»

«Esse creolo de Mauricio, apesar de ser tão grosseiro, está longe de querer desapparecer deante das linguas muito mais perfeitas, o francez e o inglez. A maior parte da população de Mauricio é hoje india; póde prever-se que ella augmentará cada dia mais, graças ás immigrações continuas da India. Deante d'essa onda que sobe, a antiga população creola, brancos, negros e mulatos, diminue proporcionalmente. Ora entre indios, chinezes, malgaches, creolos, mulatos e brancos o laço commum é o creolo. Um indio, um chinez, um arabe, um branco (europeu?) tratarão uns com os outros os seus negocios em creolo, e esse neo-francez tomará maior extensão no passo que a população variegada da ilha for augmentando. É possivel até que n'uma epocha, muito afastada é verdade, o francez desappareça, como a população que o falla tende a diminuir. O creolo, ganhando ao contrario terreno, poderá tornar-se a lingua usual, commum, e até a lingua geral, como elle é já a lingua do povo, a *rustica vulgaris*.» O auctor pensa que o inglez permanecerá exclusivamente como lingua de administração sem influencia sobre o creolo.

No francez da ilha Mauricio algumas palavras indicam a proveniencia dos primeiros colonos, porque se acham lá como na Bretanha, de onde elles emigraram; além d'isso esses colonos eram marinheiros. Achando coincidencia de termos entre o creolo d'essa ilha e o de outras possessões europeas no vocabulario em contraposição com o do francez litterario, deve admittir-se que ella tem a causa em que esses colonos levam no seu vocabulario termos do francez de Bretanha e do vocabu-

lario nautico que se encontram nas outras linguas romanicas. No francez de Mauricio diz-se, por exemplo, *amarrer* não *attacher, espérer,* não *attendre, larguer,* não *lâcher,* como em portuguez.

2. Creolo da Luisiana

Na *Mélusine* I, col. 495-497, acha-se reproduzido um conto em francez-creolo da Luisiana com traducção franceza. É talvez ocioso recordar aos nossos leitores que os francezes descobriram em 1699 a foz do Mississipi e fundaram em 1717 Nova Orleans, e que tendo a Luisiana feito parte dos dominios de Hespanha desde 1762 até 1800, passou n'esse ultimo anno de novo para o dominio da França, que a cedeu aos Estados Unidos em 1803 por 60 milhões de francos. Esses factos explicam a existencia da colonisação franceza e do dialecto francez-creolo n'aquelle estado da republica norte americana. Eis um excerpto do conto:

Ein joie, dan tan lé zot foi, Compair Bouki couri dîné côté so ouasin Compaire Lapin. Compair Lapin té pa gagné ein goute do lo pou boi. Ça fé Compair Bouki di com ça à Compair Lapin;

—Mouen non pli, mo pa gagné do lo; si to olé vini padna, no va fouyé ein pi.

Compair Lapin soucouyé so la tête:

—Non! Compair Bouki; gran bon matin, mo boi la rosé on zerbe; dan jou, kan mo souaf, ma boi dan piste la ouach.

Ça fé Compair Bouki fouyé so pi li tou sel. Apé li té fouyé pi là, kan li couri charché so do lo bon matin, li ouâ trace Compair Lapin au ra so pi. Li graté so la tête et li jouglé.

—Bambail, mo Compair, mo va trapé toi.

Li couri pran so zouti et lifé ein gro catin avé boi lauriè. Li godroné li, godroné li si tan jika lité noi com négresse guinain. Soleil bas, Compair Bouki couri planté so catin déboute au ra so pi. Dan la

Un jour, au temps d'autre fois, compère Boue alla dîner chez son voisin, compère Lapin. Compère Lapin n'avait pas une goutte d'eau à boire. Alors compère Boue dit comme ça à compère Lapin:

—Moi non plus, je n'ai pas d'eau; si tu veux venir par là, nous allons creuser un puits.

Compère Lapin secoua la tête:

—Non compère Boue; le bon matin je bois la rosée sur l'herbe et dans le jour, quand j'ai soif, je bois dans la piste de la vache. Alors compère Boue fouilla son puits tout seul.

Après qu'il eut fouillé le puits, quand il courut chercher de l'eau de bon matin, il vit la trace de compère Lapin au ras du puits. Il se gratta et s'écria:

—Mon compère, je vais t'attraper.

Il court prendre ses outils et il fait une grosse catin[1] avec du bois du laurier. Il la goudronne, la goudronne jusqu'à tant qu'elle fût noire comme négresse de Guinée. Le soleil tombé, compère Boue courut

[1] Catin en patois normand est une poupée.

nuite la line tapé cléré, Compair Lapin vini avè so baqué pou charché do lo. Kan li ouâ ti négresse là, li rêté, li baissé, li gardé ben.

—Ki bétail ci là?

Li hélé on li; ti négresse là pa grouyé, li pas réponne.

planter sa catin debout au ras du puits. Dans la nuit, la lune tapait clair; compère Lapin vint avec son baquet pour chercher de l'eau. Quand il voit la petite négresse, il s'arrête, se baisse et la regarde bien.

—Quelle bête est-ce là?

Il la hèle; petite négresse ne bouge pas, ne répond pas.

Observações phoneticas. 1) *u, ui* mudado em *i: jiki=jusqu'à, line=lune, pli=plus, pi=puits;* 2) *au* em *ou: ousi=aussi;* 3) *eu* em *é: pé=peu, fé=feu, sel=seul;* 4) *oi* em *è, é: drète=droite, cré=croire, olé=vouloir;* 5) *r, re, le* apocopados: *ouâ=voir, noi=noir, pou=pour, jou=jour, cré=croire, pran=prendre, zot, lot=autre, enco=encore; capab=capable;* 6) *r* sincopado entre vogal e consoante ou consoante e vogal: *fanne=fendre, réponne=répondre, foce=force, moceau=morceau, apé=après;* 7) *v* vocalisado ou supprimido: *choual=cheval, ouach=vache, ouâ=voir, olé=vouloir* (mas *volé=voler);* 8) assimilação: *fanne=fendre, moune=monde, réponne=répondre;* 9) apherese: *cré=sacré, ti=petit, baissé=abaisser, rêté=arrêter, voyé=envoyer, contré=rencontrer, gardé=regarder.*

Genero e numero. Não ha nenhuma distincção formal de genero e numero: *ti* ou *petit=petit* e *petite; moceau=morceau* e *morceaux.*

Artigo. Ora é empregado ou supprimido, assás arbitrariamente: *La main goche collé aussi,* la main gauche se colle aussi; *pié collé,* le pied se colle. O artigo apparece entre o possessivo e o substantivo: *so la main,* sa main; *mo lot la main,* mon autre main (l'autre main), *so la tête,* sa tête. O artigo coalesceu com alguns substantivos: *lo,* eau, *do lo,* de l'eau (litteralmente: *du l'eau), so do lo,* son eau (litteralmente: *son du l'eau),* mas *mo fron,* mon front, *so pi,* son puits.

N'alguns casos coalesceu com o substantivo o *s* (*z*) de *les,* e a fórma com essa prothese é empregada como singular ou plural: *so zepol,* son épaule; *zerbe,* herbe; *zot,* autre (tambem *lot), so zouti,* ses outils; *so zoreil,* son oreille, ses oreilles; o mesmo se dá na Trinidad e Mauricio.

Pronomes. 1.ª pessoa singular, *mo, mouen* sujeito: *mo boi,* je bois; *mouen non pli,* moi non plus; *mouen* regimen: *lâché mouen,* lâche-moi. 2.ª pessoa singular, *to* sujeito: *to gardé,* tu regardes; *toi* regimen: *to cré choual voyé cou pié on toi,* tu croiras qu'un cheval t'a envoyé un coup de pied; *mo va trapé toi,* je vais t'attraper; *qui cogne toi,* qui te cogne. 3.ª pessoa singular, *li* sujeito e regimen: *li fé,* il fait; *li gratté,* il se gratta; *li voyé li,* il l'envoya. 1.ª pessoa plural, *no va fouyé,* nous allons creuser (fouiller). As outras fórmas faltam no conto sobre que se baseiam estas nossas observações. Não ha pronome reflexo: *li rêté,* il s'arrête; *li baissé,* il s'abaisse; *li gratté,* il se gratta.

Verbo. Com excepção de *té=était (étais),* todas as fórmas verbaes são substituidas pelo infinito, que serve para exprimir o presente, o futuro, o preterito de todos os modos. A fórma *té* serve porém para exprimir com um infinito (ou o participio passivo?) periphrasticamente o

preterito: *li té pa gagné,* il n'avait pas; *li té fouyé,* il eut fouillé; *to té di,* tu avais dit.

Preposição. As principaes preposições são: *avé,* avec, *dan,* dans, en; *on,* en; *au; pou,* pour. A preposição *de* é supprimida: *pierre tonnair,* pierre do tonnerre; *boi laurier,* bois de laurier; *ta branchaille sec,* tas de branches sèches; *piste la ouach,* piste de la vache; *au ra so pi,* au ras de son puits; *cou pié,* coup de pied.

Suppressão de verbos, etc.: *Comencé colair,* il commence à être colère; *kan mo souaf,* quand j'ai soif.

3. Creolo da Guyana

MM. de Saint Quentin publicaram ha alguns annos um livro contendo contos populares (um só na prosa original), fabulas traduzidas do francez e canções creolas dos auctores n'este dialecto. Temos noticia d'este livro apenas por uma indicação na *Mélusine,* I, 55 (Paris, 1877). Na *Mélusine,* I, n.os 1 e 2, ha traducção, mas sem o original, de dois contos da Guyana franceza. Esta possessão da França foi colonisada por francezes no começo do seculo XVII e permanceeu colonia franceza até hoje, com excepção do periodo de 1808–1817, em que esteve em nosso poder.

4. Creolo da ilha de S. Domingos

Encontram-se um *Vocabulaire, français et créole,* dialogos e canções n'este dialecto no *Manuel des habitants de Saint-Domingue,* par Ducœurjoly. Paris, Lenoir, 1802, t. II, p. 283–393.

5. Creolo da Trinidad

O dialecto francez-creolo d'esta ilha póde estudar-se na obra *The theory and practice of creole grammar,* by J. J. Thomas. Port of Spain (Trinidad), the *Chronicle* publishing office. In 8.°, 134. p. Tenho noticia d'essa obra apenas por um artigo de M. Paul Meyer na *Revue critique,* 1872, art. 50.

«A conservação entre os negros das Antilhas, diz M. P. Meyer, de *patois* mais ou menos differentes uns dos outros, mas tendo incontestavelmente uma origem franceza, é um facto digno de attenção. É-o sobretudo na Trinidad que nunca foi colonia franceza. É evidente que todos esses negros vêem originariamente de colonias francezas, e aquelles mesmo da parte meridional dos Estados Unidos que fallam o inglez que nos fizeram conhecer os romances de Mrs. Beech-Stowe ou de M. Kirke, deviam ter fallado outr'ora um *patois* francez. Parece até que o *patois* da Ilha de França offerece, na deformação do francez, analogias com o da Trinidad que não são explicadas sufficientemente pela communidade do ponto de partida. A expansão de um *patois* negro formado do francez depende naturalmente das deslocações a que foram submet-

tidos aquelles que o fallavam, e isso é um assumpto que não é geralmente conhecido, pelo menos d'este lado do Atlantico.

«O fundo do *patois* é francez, com alguns emprestimos do hespanhol (a Trinidad foi colonia hespanhola até 1797) e do inglez.

«Ha algumas particularidades curiosas no systema dos sons. A apocope e mais ainda a aphérese (o fim da palavra sendo geralmente protegido pelo accento) representam n'elle um grande papel. Assim: *tè* por *étais, était* (ou antes talvez pelo participio *été*); *sé* por *serais, serait*. Outras suppressões effectuam-se sobre o centro das palavras; assim: *dez* por *voulez*, em que vemos a extensão de um facto que o anglo-normando nos offerece em *froi (ferai), fras, frad*, etc. As liquidas *l* e *r* caem deante d'uma outra consoante, e a vogal precedente torna-se longa: *mâgré (malgré), pâler (parler), môdre (mordre)*. Algumas vezes tambem *l* e *r* caem depois do accento diante de um *e* mudo, que seria melhor não escrever; assim: *tabe (table), vête (vitre)*. Todos que tiveram occasião de ouvir negros ou mulatos das colonias tiveram occasião de notar os mesmos factos na sua pronuncia, ainda quando elles fallam francez.

«Não é á phonetica que pertencem os factos mais caracteristicos do creolo, mas á flexão e á composição das palavras. O que n'essa parte se observa é bem feito para elevar ao mais alto o assombro dos que acham já enormes as formações novas que nos offerecem os idiomas romanicos comparados com o latim. Nós dizemos *celui-là* emquanto o latim vulgar dizia *eccillum;* mas os negros põem *là* a todo o instante depois dos substantivos como um demonstrativo a que não ligam já grande valor (M. Th., p. 15). O sentido das particulas e dos artigos está de tal modo obliterado que já não se empregam senão absolutamente confundidos com as palavras a que se juntaram e fazendo corpo com ella: *dîfé, dithé, divin, dleau* (p. 18) querem dizer: *feu, thé, vin, eau; zoreies* quer dizer as orelhas; *pêncor* (p. 122) quer dizer *pas encore*, contracção que nos offerece tambem o provençal *pancaro*. N'um idioma tão empobrecido é só o logar das palavras que indica as relações. Assim n'este proverbio: *Pas fête langue qui fair bêf pas sa pâler* (p. 121) (Ça n'est pas faute *de* langue qui faire bœuf pas savoir parler).

«Os verbos parecem, pelo menos muitas vezes, reduzidos a uma só fórma, a do infinito (a não ser que alguma outra fórma tenha sido preservada por causa de uma differença bem sensivel e de um uso frequente). Estudar-se-hão com interesse os diversos tempos compostos com os quaes os negros remediaram as lacunas da conjugação, e achar-se-ha n'isso materia para diversas comparações com os factos parallelos das linguas romanicas. Todavia é mister não esquecer que a comparação não tem aqui senão a mais fraca base. Os negros quando aprenderam o francez, estavam habituados a uma linguagem absolutamente differente, e nunca souberam senão as palavras e as fórmas mais usuaes do seu novo idioma, emquanto o latim vulgar de que saíram as linguas romanicas por desenvolvimentos individuaes e locaes, foi sempre um idioma assás completo, cujas transformações foram assás lentas para que as lacunas tivessem tempo de se encher ao passo que se formaram.»

6. Creolo da Martinica

Cremos que versa principalmente sobre este dialecto a obra seguinte, que conhecemos apenas pelo catalogo da bibliotheca de Burgaud des Marets: *Catéchisme en langue créole, précédé d'un essai de grammaire sur l'idiome usité dans les colonies françaises,* par M. Goux, missionnaire à la Martinique. Paris, Vrayet de Suroy, 1842, in 8.° Mais recente é o livro de Turiault: *Étude sur le langage créole de la Martinique.* Brest. 236 pp. in 8.° en deux volumes. 1876. (Paris, Viaut.) Contém uma serie de enigmas, numerosos proverbios, alguns contos, algumas canções e diversas traducções do francez. Vid. *Mélusine,* 1, 55. Paris, 1877.

IV. LINGUA FRANCA

Littré, *Dict. de la langue française,* s. v. *franc* 4, define lingua franca: «jargon mêlé d'italien, d'espagnol, etc. à l'usage des Francs de l'Orient» isto é, dos europeus do Levante.

J. Creswell Clough no ensaio *On the existence of mixed languages,* p. 11, define, fundado na auctoridade de Malte Brun, a lingua franca do Mediterraneo como uma mistura de catalão, limosino, siciliano e arabe, originada nos estabelecimentos de escravos dos mouros e turcos. O auctor não conheceu porém nenhum specimen d'essa lingua. *(The Athenaeum,* 1877. January to June, p. 545.)

Segundo o mesmo periodico inglez, vol. cit. p. 608, ha um *Dictionnaire de la langue franque, ou petit mauresque, à l'usage des français en Afrique,* publicado ha alguns annos em Marselha. O vocabulario comprehende palavras italianas, algumas fórmas approximando-se do hespanhol e ainda um certo numero de termos locaes usados na Argelia.

O principe L. L. Bonaparte considera, com rasão, a lingua franca como estando para com o italiano litterario na mesma relação que o indo-portuguez para com o portuguez, os dialectos creolo-francezes para com o francez, o negro-hollandez para com o hollandez. *(Athenaeum,* vol. cit., p. 640 e 703.)

Lingua franca	Italiano
Bon giorno, Signor; comme ti star?—Mi star bonu, e ti?—Mi star contento mirar per ti.—Grazia.—Mi pudir servir per ti per qualche cosa?—Muciu grazia.—Ti dar una cadiera al Signor.—Non bisogna. Mi star bene acousì.—Comme star il fratello di ti?—Star mucin bonu.	Buon giorno, Signore; come stai?—Io sto bene, e tu?—Io son contento di vederti.—Grazie.—Posso io servirti in qualche cosa?—Molte grazie.—Dà una seggiola al Signore.—Non ho bisogno. Io sto bene così.—Como sta il tuo fratello?—Sta molto bene.

(The Athenaeum, 1877, 1.° sem., p. 640).

L. L. Bonaparte dá as seguintes regras que caracterisam a lingua franca: 1.ª Os nomes não têem plural: *amigo*=amigo e amigos. 2.ª Os verbos não têem conjugação, mas só um futuro periphrastico e um participio terminando em *ato* ou *ito*: *mi, ti, ellu, noi, voi, elli, andar* significam não só eu vou, tu vaes, elle vae, nós vamos, vós ides, elles vão, mas tambem eu ia, etc., eu fui, etc.; *bisogno andar* significa eu irei, etc. 3.ª *Star* significa *ser* e *ter*, quando são usados como verbos auxiliares. 4.ª *Avir* ou *tenir* significam *ter*, mas só com a idéa de *possuir*. 5.ª O regimen directo dos pronomes pessoaes é precedido da preposição *per: mi mirar per ella*, eu vejo-o.

Molière no acto IV do *Bourgeois gentilhomme* deu uma imitação da lingua franca.

«Scène X.—*Le Muphti, Dervis, Turcs, chantans et dansans; Monsieur Jourdain*, vêtu à la turque, la tête rasée, sans turban et sans sabre.

Le Muphti, à M. Jourdain.

Se ti sabir,
Ti respondir,
Se non sabir,
Tazir, tazir.

Mi star muphti,
Ti qui star si?
Non intendir,
Tazir, tazir.

«Scène XI.—*Le Muphti, Dervis, Turcs chantans et dansans.*

Le Muphti. Dice, Turque, qui star quista? Anabatista? anabatista?
Les Turcs. Ioc.
Le Muphti. Zuinglista?
Les Turcs. Ioc.
Le Muphti. Coffita?
Les Turcs. Ioc.
Le Muphti. Hussita? Morista? Tronista?
Les Turcs. Ioc, ioc, ioc.
Le Muphti. Ioc, ioc, ioc. Star pagana.
Les Turcs. Ioc.
Le Muphti. Luteranos.
Les Turcs. Ioc.
Le Muphti. Puritana?
Les Turcs. Ioc.
Le Muphti. Bramina? Moflina? Zurina?
Les Turcs. Ioc, ioc, ioc.
Le Muphti. Ioc, ioc, ioc. Mahametana? Mahametana?
Les Turcs. Hi Valla. Hi Valla.
Le Muphti. Como chamara? Como chamara
Les Turcs. Giourdina, Giourdina.

Le Mupht (sautant). Giourdina, Giourdina.
Les Turcs. Giourdina, Giourdina.
Le Mupht.

Mahameta, per Giourdina,
Mi pregar, sera e matina.
Voler far un paladina
De Giourdina, de Giourdina;
Dar turbanta e dar scarrina,
Con galera, e brigantina,
Per deffender Palestina,
Mahameta, per Giourdina,
Mi pregar sera e matina.
Star bon Turca Giourdina?

Les Turcs. Hi Valla. Hi Valla.
Le Mupht (chantant et dansant). Ha la ba, ba la chou, ba la ba, ba la da.
Les Turcs. Ha la ba, la la chou, ba la ba, ba la da.

«Scène XIII.—*Le Mupht, Dervis, Monsieur Jourdain, Turcs, chantans et dansans.*

Monsieur Jordain (après qu'on lui a ôté l'Alcoran de dessus le dos). Ouf!
Le Mupht (à M. Jourdain).

Ti non star furba?

Les Turcs.

No, no, no.

Le Mupht.

Non star forfanta?

Les Turcs.

No, no, no.

Le Mupht (aux turcs).

Donar turbanta.

Les Turcs.

Ti non star furba?
No, no, no.
Non star forfanta?
No, no, no.
Donar turbanta.

Les Turcs dansans mettent le turban sur la tête de *M. Jourdain* au son des instruments.
Le Mupht (donnant le sabre à *M. Jourdain*).

Ti star nobile, non star fabbola,
Pigliar schiabolla.

Les Turcs (mettant le sabre à la main).

Ti star nobile, non star fabbola
Pigliar schiabolla

Les Turcs dansans donnent en cadence plusieurs coups de sabre à *M. Jourdain.*

Le Muphti.

Dara, dara
Bastonnara.

Les Turcs.

Dara, dara
Bastonnara.

Les Turcs donnent à *M. Jourdain* des coups de bâton en cadence.

Le Muphti.

Non tener honta,
Questa star l'ultima affronta.

Les Turcs.

Non tener honta,
Questa star l'ultima affronta.»

O uso frequente na lingua franca da palavra *sabir*, principalmente na expressão *mi no sabir* com que os levantinos e argelinos respondiam ás perguntas que lhes faziam os estrangeiros e que elles não comprehendiam, fez dar a essa lingua o nome de *sabir, lingua sabir*. Vid. Littré, *Dictionnaire de la langue française. Supplément*, s. v. *Sabir*.

A. Darmesteter, *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française*, p. 261, n. define ainda: «Le *sabir* ou langue franque, mélange d'italien, de français, de provençal et d'arabe parlé par les marins de la Méditerranée».

Algumas phrases ou expressões da lingua franca chegaram, sem duvida por intermedio dos marinheiros, até ao calão ou girias dos diversos povos da Europa. No *cant* (calão de Inglaterra) ha por exemplo: *nantee dinarly* (não tenho) nenhum dinheiro, da lingua franca; *niente dinaro*, do italiano *niente*, nada (=fr. *néant*) e *denario* (=port. *dinheiro*, hesp. *dinero*, fr. *denier*, do lat. *denarius*). Em portuguez ha *nentes* do ital. *niente*, que não vem ao que parece por intermedio da lingua franca. *Nicles*, nada, da giria dos garotos portuguezes parece estar por *niks* e corresponder ao *nix* da lingua franca. «The well-known *Nix mangiare* stairs at Malta derive their name from the endless beggars who lie there and shout «Nix mangiare», i. é. «nothing to eat»,—an expression which exhibits remarkably the mongrel composition of the Lingua Franca, *mangiare* being italian, and *Nix* (germ. *Nichts*), an evident importation from Tricste, or other Austrian seaport.» *The Slang Dictionary*, apud Johan Storm, *Englische Philologie* I, 162–3.

Storm junta em nota a pag. 163: Li n'um romance maritimo inglez a seguinte lamuria de um pedinte maltez: «*Me* molto miserabile, signore! *Nix* padre, *nix* madre, *nix* mangiare *per sixteen days*, por Gesù Christo.» *Nix* é considerado geralmente na Italia pelo povo como a negação allemã ou estrangeira. Mas o emprego de uma expressão como *nix*, ou de termos extranhos não determina de modo algum o caracter da lingua franca. O emprego de expressões como *sixteen days* é um accidente de momento que se encontra em todas as linguas: quando

a gente que as falla se acha em contacto com estranhos recorre á sua maior ou menor provisão de termos estrangeiros. A composição da lingua franca não é realmente mais *mongrel* que por exemplo a do inglez, que apresenta vocabulos provenientes de innumeras linguas.

V. CONSIDERAÇÕES GERAES

Não foram só as linguas romanicas que serviram de base á formação de dialectos como os que acâbamos de noticiar: podemos dar indicação de dialectos similhantes de origem germanica, a cujo estudo procederemos logo que tenhamos materiaes sufficientes.

O *negro-english*, dialecto assim chamado impropriamente, é fallado na colonia hollandeza de Surinam, na Guiana, por uma população de cêrca de 100:000 individuos, dos quaes 90:000 negros e 10:000 de origem européa. As fórmas grammaticaes estão reduzidas n'este dialecto, como em todos os similhantes a um minimo.

The Bible of Every Land, p. 213, dá noticia de traducções dos Psalmos e do Novo Testamento no *negro-english*. Julgâmos terem por objecto este dialecto os livros seguintes que ainda não logrimos ver:

Kurzgefasste neger-englische Grammatik. Bautzen, 1854.

Van der Vegt, *Proeve eener handleiding om het neger-engelsch*.

O creolez (ingl. *creolese*) é um dialecto tendo por base o hollandez, fallado pela população negra das ilhas de Santa Cruz, S. Thomaz e S. João (Indias Occidentaes); não tem distincção de genero nem numero, nem declaração de nomes, nem conjugação simples de verbos.

Em 1781 o governo da Dinamarca fez imprimir em Copenhagen uma traducção do Novo Testamento n'esse dialecto; em 1818 fez-se nova edição. Segundo *The Bible of Every Land*, pag. 212, parece que o creolez caiu em desuso.

O inglez serviu de base na China á formação dialectal chamada *Pidgin English* (*pidgin* é approximadamente a pronuncia chineza do inglez *biznes, business*). Não vimos ainda a obra de Leland, *Pidgin English singsing, or Songs and Stories in the China-English dialect*. London, 1866.

Na *Introduction to the Study of Sign Language among the north american Indians* by Garrick Mallery (Smithsonian Institution-Bureau of Ethnology. Washington, 1880.) p. 12, achâmos a seguinte noticia: «Os kalapuyas do Oregão meridional usaram até ha pouco uma linguagem de signaes, mas gradualmente adoptaram para a communicação com o estrangeiro a lingua composta, commummente chamada giria *tsinuk* ou giria *chinook*, que provavelmente se originou para fins commerciaes nas margens do Columbia antes da chegada dos europeus, fundada sobre o tsinuk, tsiholi, nutka, etc., mas agora enriquecido por termos francezes e inglezes, e esqueceram quasi inteiramente os seus antigos signaes. A prevalencia d'esta lingua mestiça, formada nas mesmas condições que produziram o *pigeon-english* ou a *lingua franca* do oriente, explica a falta notada de lingua de signaes entre as tribus da costa noroeste».

A giria tsinuk não é talvez, apesar do que nos diz G. Mallery,

mais do que um dialecto inglez da natureza dos que são objecto do presente estudo.

Ninguem ainda, que saibâmos, viu com clareza o verdadeiro caracter e reconheceu as leis geraes que presidem á formação de dialectos de que nos occupâmos.

O eminente philologo P. Meyer tocou a nosso ver em um dos pontos essenciaes da questão, mas por falta sem duvida de termos de comparação não a collocou á verdadeira luz: «Estudar-se-hão com interesse, diz elle, com relação ao dialecto da Trinidad, os diversos tempos compostos pelos quaes os negros remediaram as lacunas da conjugação, achar-se-ha materia para diversas comparações com os factos parallelos que apresenta á formação das linguas romanicas. Nada deve porém esquecer que a comparação tem aqui a mais fraca base. Os negros, quando aprenderam o francez, estavam habituados a uma lingua absolutamente differente e nunca souberam mais que as *palavras e as fórmas mais usuaes* do seu novo idioma, emquanto o latim vulgar de que sairam por desenvolvimentos individuaes e locaes as linguas romanicas, foi sempre um idioma sufficientemente completo, cujas transformações foram assás lentas para que as lacunas tenham tido tempo de se encher facilmente ao passo que se formaram». *Rev. critique*, 1872 artigo 50. Na passagem seguinte, M. P. Meyer mostra ter repugnancia em admittir que a formação de dois dialectos creolos obedeça a leis perfeitamente identicas: «Parece que o *patois* da ilha de França offerece, na deformação do francez, analogias com o da Trinidad que não são explicadas sufficientemente pela communidade do ponto de partida».

O dr. Bos (*Romania* IX, 571) admitte já a independencia d'essas formações analogas, sem ver ainda aqui a acção de leis geraes: «Os diversos creolos (francezes) que se fallam nas Antilhas, na America, nas ilhas Mascarenhas, no Oceano Indico, têem todos um ar de familia, uma similhança ainda mais accentuada que a que existe entre as linguas neo-latinas, e devida provavelmente á sua maior mocidade e á sua maior proximidade da lingua mãe. Alem d'isso essa lingua mãe, o francez, é unica para os idiomas creolos; e o latim vulgar, quando deu origem ás linguas neo-latinas, tinha talvez já perdido a unidade, e experimentado as influencias regionaes que deviam transformal-o, aqui em francez, acolá em provençal, alem em italiano, etc. Fóra pois da questão de tempo, a grande similhança que existe entre as linguagens creolas provém provavelmente da unidade da lingua que lhe deu origem: o francez representa aqui o papel do latim vulgar com relação ás linguas romanicas».

As idéas geraes com relação á formação d'estes dialectos expressas por E. Tesa no seu citado estudo sobre o creolo de Curação não me parecem tambem exprimir a verdade dos factos. «Due studj sono a farsi nella istoria delle lingue: la libertà e la servitù. Una favella si disgiunge da una grande famiglia, serbando parte del tesoro commune e nei valori radicali che si incorporano in un grupo di suoni, e ne' canoni derivativi, e nelle flessioni. Questa ricchezza ereditata non giace inerte. È un grande albero: e dei molti rami, quale si leva più alto, quale si arresta a mezza la via; ma in ciascuno è una vita sua propria: vi discorre lo stesso succo a nutrirli, ma è vario lo spessore degli strati e le

virtú: tutto è un agitarsi, un crescere; finchè le due ultime foglie, che si toccano in mezzo al sereno dei cieli, non rammentano più che la radice commune è nascosta in un luogo solo e circondata di poca terra.

«Beata la nazione alla quale, in codesta opera de' secoli, la lingua si disvolge senza ingiustamente comandare e senza miseramente servire; perchè anche negli organismi vocali così corrompe il vedersi schiavo come il farsi tiranno.

«Bensì le lingue, presto o tardi, si incontrano, si impingnano, si tarpano l'una l'altra; o sia l'imitazione delle idee come nella prosa de' Cechi e de' Magiari, guidata in tanta parte dal tedesco: o da questa lingua in quella si trasfonda la somma delle parole, come le sanscrite nel tamulico; le turche nel greco, nell'armeno, nello schipetaro, nel româno, nel bulgaro, nel serbo. Talora poi le forme stesse o cedono alle alle straniere o le accettano cooperatrici a rappresentare il pensiero; come nel persiano e più nel turco e, con istrazio peggiore, nel huzuresco.

«Un esempio di queste corruzioni profonde lo veggiano a Curassao; e non osservato, ch'io sappia, dai linguisti. Non ho trovato che un libro; e bisognerebbe sapere se altri ve ne sieno e serbino tutti le forme spagnuole, o incomincino a corrompere anche la lingua degli Olandesi, padroni nuovi. Poi sarebbe utile a conoscere QUALE DIALETTO VI PARLASSERO GLI ABORIGENI; quando sia scomparso o se ancora se ne conservino le tracce; finalmente quanto sieno in quel picciolo popolo i discendenti di Spagna i quanto di Olanda...

«Certo da questo breve studio sul curassese saremo condotti a ristringere la opinione di Augusto Fuchs che lo spagnuolo, dominatore in tanta parte di America, non si mescolò a nessuna delle lingue indigene da formare un nuovo dialetto (Cfr. *Die romanischen Sprachen*. Halle, 1849, p. 7). Non s'è mescolato; ma IL PENSIERO NAZIONALE TRASCINÒ DIETRO A SÈ LE FÓRME SPAGNUOLE E GLI AVANZI; così che ne derivò una favella che non assomiglia certo a nessuno dei dialetti metapireneici.

«A me pare che uscirebbe un bel libro, ma da non farsi in Europa, chi si ponesse a ricercare come le lingue latine rimutassero; il francese nel Canada, in Haiti; il portoghese nel Brasile e lungo le coste d'India; a Cuba, a Portorico e via via lo spagnuolo. SAREBBE A DISCOPRIRSI LA GRAMATICA INDIGENA; E DEDURNE LE LEGGI DISSOLUTIVE DI QUELLA PAROLA, là inerte o quasi, che fu stromento a forti pensieri e alle grazie dell'arte in bocca a Dante, a Cervantes, a Voltaire.»

Como se vê o douto professor de Pisa inclina-se a admittir como explicação dos dialectos creolos uma accommodação das fórmas romanicas á grammatica das linguas dos povos entre os quaes esses dialectos se formam.

Alguns eruditos brazileiros, conhecedores dos dialectos indigenas, admittem influencia grammatical d'estes dialectos sobre o portuguez do seu paiz.

«A lingua fallada pelos primitivos incolas d'El-Dorado, a lingua do selvagem, que teve voga nos primeiros tempos do desenvolvimento do Brazil, que durante dois seculos entre os proprios colonos europeus era

«a lingua geral» e de uso quotidiano no tracto commum, usada e fallada até no pulpito, ainda hoje fallada no Paraguay, teve tal importancia já, que, temendo-se que fosse esquecida a lingua portugueza, mereceu ser proscripta expressamente a ponto de a mandarem abolir pela provisão de 12 de outubro de 1727 (*Jornal do Timon*, t. 2.º, p. 315). E depois, apezar de tudo, ella perdura ainda, já não digo pelo facto de subsistir hoje entre varias e numerosas tribus do Amazonas e de Matto Grosso, porém, perdura na lingua portugueza, fallada pelos descendentes dos Brazis, dando-lhe um feitio caracteristico que distingue essencialmente essa falla brazileira da portugueza, não só na inflexão da voz, não só na phonetica, mas ainda no tornêo grammatical e no phraseado que tem *seu que* de novo, não usado na terra lusitana, e a final em grande numero de vocabulos de todo não portuguezes. A «lingua geral» é certo, morreu com o indio e ou si não morreu ainda, vae morrer e desapparecerá com o derradeiro selvagem, que a locomotiva da civilização tem de aniquilar na sua marcha, no seu «avança para deante». Porém, como em seguida á derrubada, onde era a mata virgem, surge a capoeira, do mesmo modo no campo de exterminio, do qual se-eliminou o indio, subsistem o mameluco, o caboclo, o caipira, o matuto; e essa pobre gente que constitue a nossa gente da roça, os nossos *officiaes de officio*, a nossa soldadesca e a nossa maruja, concorre sem a menor duvida com a maior percentagem para formar o algarismo da nossa população. Desappareceu o indio *(abá)*, o indigena, o autochtone *(t-yby-abá = typynabá)*, o selvagem *(tapyyia)*,—mas ficou o caboclo, o perfilhado por branco *(caraïb-oca = caribóca)*, o mameluco, o filho da mulher india *(membyrucá)*, o pelle tostada *(caipira)*, ou o homem corrido, envergonhado, abatido, submettido *(kuaipira)*. E esses mamelucos, caboclos e caipiras, fallando a lingua do «outro», do extrangeiro, do homem de lá longe, do emboaba, *(amo abá)*, fallando essa lingua corrompida pelo fallar do africano, do selvagem negro *(tapyyñuna)*, conservam no sotaque, no phraseado, reminiscencias da «lingua geral» que vão se-fazer ouvir ainda no seio do parlamento, onde desgraçadamente predomina um francez assaz eivado de francezismos e tambem já de não poucos inglezismos. Foi proscripta a lingua do indio (*o abá ñeenga*), mas na lingua do branco (no *caraï-ñeenga*) fallada pelos matutos, e reproduzida ás vezes com bastante merito em escriptos litterarios, subsistem dizeres *sui generis*, oriundos da lingua materna, certamente *materna* pois que elles são os mamelucos, os filhos da mulher indigena, são os caboclos oriundos do homem branco. Como muito bem diz o snr. dr. Couto de Magalhães, na *linguagem popular* do Brazil ha não só grande *quantidade de vocabulos tupis* ou *guaranis*, mas ainda *phrases, figuras, idiotismos e construcções peculiares*. Quanto ao vocabulario é incontestavel, e com um pouco de attenção vê-se, que no portuguez brazilico abundam dicções de linguas americanas em numero mais consideravel talvez que o das dicções arabicas que se-conservam no lexicon portuguez. Dizemos «linguas americanas», porque na realidade não ha só vocabulos do *abáñeenga*, e sim tambem do *chilidugu*, do *kechua callu*, do *karai-arianga*, e outras, como sejam *brisa, canôa, furacão, piroga, maté, quasca, guampa, gaúcho*, etc. Nas sciencias naturaes (mórmente na botanica) e na geographia é mais que

consideravel o numero de vocabulos oriundos de linguas americanas [1].»

«Nem o tupi oriental, aquelle que era fallado na costa quando os jesuitas o escreveram, e que faz objecto dos diccionarios e grammaticas que nos legaram; nem a lingua Kiriri, um tupi que era fallado pela tribu d'esse nome, não são hoje linguas vivas. Assim como os selvagens ou desappareceram ou subsistem mestiçados, assim a lingua ou desappareceu ou mestiçou-se no rustico fallar do nosso povo, conseguindo introduzir na lingua portugueza do Brazil centenares de raizes [2].

«O cruzamento d'estas raças (indigenas do Brazil, negros e brancos) no passo que misturou os sangues, cruzou tambem (se nos é licito servirmo-nos d'essa expressão) a lingua, sobretudo a linguagem popular. É assim que, na linguagem do povo das provincias do Pará, Goyaz, e especialmente de Matto-Grosso, ha não só quantidade de vocabulos tupis e guaranis accommodados á lingua portugueza e n'ella transformados, como ha phrases, figuras, idiotismos, e construcções peculiares ao tupi. Este facto mostra que o cruzamento physico de duas raças deixa vestigios moraes, não menos importantes do que os do sangue. O notavel professor norte-americano C. F. Hartt nota que são rarissimos os verbos portuguezes que têem raizes tupis, e cita como um d'esses raros exemplos, talvez unico, o verbo *moquear*. Se o illustre professor houvesse viajado outras provincias, veria que esse exemplo não é isolado, e que não temos um, mas muitos verbos vindos do tupi, e alguns d'elles tão expressivos e energicos que não encontrâmos equivalentes em portuguez; citarei entre outros os seguintes: *espocar* (Pará) por: arrebentar abrindo; *petequear* (Minas, S. Paulo) por: jogar; *entocar* (geralmente em todo o Brazil) por metter-se em buraco, ou figuradamente, por: encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapuiar* (Pará, Maranhão) por: apanhar peixe; *cutucar* (geral) por: tocar com a ponta; *espiar* (geral) por: observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por: abrir arrebentando; *pererecar* (geral) por: caír e revirar; *entejucar* por: embarrear; *encangar* por: metter os bois no jugo; *apinchar* por: lançar, arrenessar; *capinar* por: limpar o matto; *embiocar* por: entrar no buraco; *bobuiar* por: fluctuar; *catingar* por: exhalar mau cheiro; *tocaiar* por: esperar, etc., são outros tantos verbos com que o tupi enriqueceu a lingua popular dos habitantes do interior do Brazil, lingua ás vezes rude, não o contestâmos, mas ás vezes tambem de uma energia e elegancia de que só póde fazer idéa, aquelle que tem estado em uma roda de gaúchos folgazãos a ouvil-os contar a historia de seus amores, suas façanhas de valentia, ou as lendas, ás vezes tão tocantes e poeticas de suas superstições, metade christãs, metade indigenas [3]...

«Se dos verbos passassemos aos substantivos, nomes de animaes, logares, plantas, ver-se-hia que nada menos de mil vocabulos, quasi

[1] *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.* 1878-1879. Vol. IV. *Manuscripto guarani da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, etc., *publicado com a traducção portugueza, notas, e um esboço grammatical do abáñee* pelo dr. Baptista Caetano d'Almeida Nogueira, p. XI-XII.

[2] *O Selvagem*, I. Curso da lingua geral segundo Ollendorf. II. Origens, costumes, região selvagem, por Couto de Magalhães. Rio de Janeiro, 1876, 8.°, p. 40.

[3] Ob. cit., p. 77.

uma lingua inteira, passou e vein fundir-se na nossa, assim como com o cruzamento tem passado e ha-de continuar a passar o sangue indigena a assimilar-se e confundir-se com o nosso [1].»

Como se vê os dois escriptores brazileiros, que têem um longo conhecimento do tupi-guarani, nenhum facto apresentam que prove a influencia grammatical que admittem: as suas indicações resumem-se a factos lexiologicos, alguns dos quaes são muito contestaveis.

Não entraremos n'um exame critico directo das diversas opiniões que acabâmos de citar. Os materiaes por nós accumulados permittem-nos assentar os seguintes principios, em face dos quaes é facil julgar essas opiniões.

1.º *Os dialectos romanicos e creolos, indo-portuguez e todas as formações similhantes representam o primeiro ou primeiros estadios na acquisição de uma lingua estrangeira por um povo que falla ou fallou outra.*

Este principio é por assim dizer evidente. Basta observar como os estrangeiros que não têem estudos grammaticaes começam a fallar a lingua de um paiz que não é o seu para a ver perfeitamente confirmada. *Mi no fallá portugues* é uma phrase typica que todos conhecemos na bôca dos inglezes.

Os factos observados nos dialectos creolos de Santo Antão, Guiné, etc., revelam *graus diversos na acquisição do portuguez*. A lingua franca póde ser considerada como o typo mais rudimentar das formações de que nos temos occupado. Aqui devemos observar um facto interessante: consiste elle em que o povo de qualquer paiz achando-se em contacto com estrangeiros que não fallam a sua lingua reduz esta tambem, por assim dizer instinctivamente, ao mesmo typo privado de fórmas grammaticaes que caracterisam os dialectos creolos [2].

Nos contos populares, os mouros, os turcos e os negros são apresentados pelo povo a fallar uma lingua em que o infinito substitue as outras fórmas verbaes; assim em G. Pitré, *Fiabe, novelle e racconti popolari siciliani*, 1, 17, n.º 1, ha o seguinte dialogo entre um turco e S. Nicolau: «Bonciornu Santu Nicola!» —«Addiu Maumettu.» —«*Pigghiari* tanticchia d'ogghiu?» —«*Pigghiari* quanto vôi.» Póde comparar-se a versão portugueza d'essa facecia em a nossa collecção de *Contos populares portuguezes*, n.º 72. O douto e indefesso collector das tradições sicilianas ministra-nos a seguinte nota: «Nel *Malmantile* del Lippi annotato dal Minucci, vol. III, pag. 257, a proposito della frase del Lippi *star usanza* si legge: «*Star usanza*. È detto alla maniera degli stranieri, specialmente tedeschi, o turchi, che cominciando a parlar un poco Italiano, si servono quasi sempre dell'infinito in luogo di qualsivoglia tempo. È curiosa la perifrase d'uno schiavo turco, che avendo rubato un turibolo d'argento, volendolo vendere, andava dicendo negli orecchi a coloro, ch'egli supponeva lo potessino comprare: *Voler comprar, un andare un venire un sentir buono?*»

È com razão que M. E. Egger nas suas *Observations et réflexions*

[1] *O Selvagem*, 1. Curso da lingua geral segundo Ollendorf, etc., p. 77.

[2] «Dès 1633, le père Lejeune se plaignait qu'on employât entre Français et Indiens un jargon qui n'était, à proprement parler, ni le français ni l'indien, et cependant, ajoutait-il avec surprise, les Français, à l'user, se flattent de parler indien, et les Indiens pensent s'exprimer en bon français.» Maspéro *Rev. ling.* IX, 405.

sur le développement de l'intelligence et du langage chez les enfants (Paris, 1879. 8.°) compara a linguagem das creanças aos dialectos creolos: «A vingt-huit mois l'enfant connaît le sens des trois mots: *ouvrir, rideau* et *pas* (négation); déjà il les rapproche avec une certaine dextérité, en les acompagnant du geste et du monosyllabe *ça*. *Pas ouvrir ça* signifie «la fenêtre est fermée»; *pas rideau ça* signifie «la fenêtre n'a pas de rideau». On reconnaît là ces grossières façons de parler qu'on décore parfois du nom de patois nègre, parce que les nègres de nos colonies n'empruntent guère à la langue de leurs maîtres qu'un petit nombre de vocables, les plus nécessaires, et qu'ils les accouplent, selon le strict besoin, sans aucun souci de la conjugaison et même de la syntaxe.» Ob. cit., p. 44.

Os dialectos de que nos temos occupado não são pois o resultado de uma transformação lenta, gradual, tendo por ponto de partida principal a alteração phonetica, como a que se opera nas linguas que seguem o curso normal da sua evolução, como a que transformou o latim em portuguez, hespanhol, provençal, italiano e valachio; nos dialectos creolos e similhantes a alteração phonetica é o menos; com ella pouco se explica da estructura morphologica e syntactica d'essas fórmas de linguagem. Bopp e Diez são de muito pouca utilidade immediata, os principios da grammatica comparada usual de pouco nos servem para entendermos aquelles dialectos.

A transformação da linguagem em virtude da alteração phonetica é um phenomeno de base physiologica; a formação dos dialectos creolos é no que tem de essencial um phenomeno psychologico. Formam-se elles rapidamente, para acudir á necessidade das relações; é o povo inferior pela raça, pelo estado de civilisação, mas ao mesmo tempo mais forte de instinctos, mais rico de espontaneidade, é esse que os forma com os materiaes da lingua do povo superior, que em regra não desce a aprender ou mesmo a dar attenção ás expressões do barbaro, do selvagem. Ao ouvido do povo inferior chegam primeiro como ondas sonoras tumultuosas as palavras do povo superior, depois aquelle percebe como que um rythmo, depois n'aquelle oceano de palavras descobre alguns pontos firmes, salientes; fixa-se n'elles: são as fórmas mais geraes e frequentes da linguagem; ellas bastam — a lingua nova, o instrumento indispensavel para o trato está forjado; enriquecel-o, approximando-o do typo perfeito, é obra do tempo, se o houver, se as condições o permittirem; mas a riqueza não será muitas vezes mais do que anomalia, porque aquella fórma primeira de linguagem, nascida de um trabalho todo espontaneo, era perfeitamente coherente. Por fim dá-se muitas vezes um phenomeno curioso: entendido do povo superior, do povo que em geral manda, o povo inferior não quer saber mais nada da lingua d'elle, contentando-se com o dialecto que formou: então o povo superior ver-se-ha obrigado a fallar a sua propria lingua alterada[1].

É innegavel que a primeira reducção morphologica (podemos assim definir o processo de formação dos nossos dialectos) que uma lingua experimenta na bôca de um povo que tinha já outra deixa vestigios profundos, ainda quando o povo acaba por esquecer completamente a

[1] Vid. acima as interessantes observações de Bocandé.

sua lingua propria e por conhecer de um modo mais completo a morphologia da lingua que adopta de um outro povo. Os processos periphrasticos da primeira phase da acquisição da lingua estranha não desapparecerão de todo, e mais tarde, quando a alteração phonetica, que elles favorecem, obscurecer certas fórmas grammaticaes, esses processos voltarão a ser normaes na lingua. Não será a causa d'esta natureza que serão devidos os futuros periphrasticos, por exemplo, nas linguas romanicas? Até hoje não se determinou com precisão o grau e caracter da influencia exercida por um povo sobre a lingua estranha que a conquista ou outras causas lhe faz adoptar. O erro capital n'esta questão consiste, a nosso ver, em se suppor que a lingua estranha é alterada pelo typo da lingua propria. O estudos dos dialectos creolos permitte-nos resolver esta questão.

2.º *Os dialectos romanico-creolos, indo-portuguez e todas as formações similhantes devem a origem á acção de leis psychologicas ou physiologicas por toda a parte as mesmas e não á influencia das linguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos.*

Os factos accumulados por nós mostram á evidencia que os caracteres essenciaes d'esses dialectos são por toda a parte os mesmos, apesar das differenças de raça, de clima, das distancias geographicas e ainda dos tempos. É em vão que se buscará, por exemplo, no indo-portuguez uma influencia qualquer do tamul ou do singalez. No dialecto macaista a formação do plural por duplicação do singular póde attribuir-se a uma influencia chineza, mas esse processo é tão rudimentar que nenhuma conclusão podemos fundar sobre elle. No dialecto da ilha de Sant'Iago *muito muito* é um superlativo.

Os phenomenos phoneticos que nos offerecem os dialectos creolos nada têem de especial: a suppressão do *r* final, a tendencia para o iotacismo, por exemplo, apparecem-nos quasi por toda a parte; as proprias excepções são as mesmas: assim temos *ser* e não *sê* em Ceylão, em Macau, no archipelago de Cabo Verde. Nenhum som das linguas indigenas foi transportado para os dialectos creolos; mas alguns sons das linguas europeas foram modificados. Ora na propria Europa se notam modificações similhantes. A seguinte observação do dr. Bos sobre o creolo da ilha Mauricio é, emquanto aos sons, quasi inteiramente applicavel a todos os dialectos similhantes: «É provavel que os sons do francez que o negro não pôde reproduzir faltavam na sua lingua. A influencia das linguas negras reduziu-se a isso; ellas não .... implantaram nenhum som novo; ellas supprimiram os que ellas ignoravam[1], para os substituir por outros mais ou menos analogos: *e* mudo por *i*, *ui* por *i*, *j* por *z*, *ch* por *ç*, etc.»

No fallar brazileiro, por exemplo, não parece haver nenhum dos sons particulares do tupi-guarani.

A acção das leis psychologicas geraes vae quasi sempre nos dialectos de que nos occupâmos até ás feições miudas; assim não só a periphrase com as fórmas mais geraes nos apparece para substituir as fórmas não adquiridas, mas ainda a mesma preferencia por certas fórmas auxiliares se nota quasi por toda a parte; assim o presente formado

[1] Seria preferivel dizer: parte dos que ellas ignoravam.

com *ta (=estar)* em Macau, nas ilhas de Cabo Verde, em Curaçáo; em Ceylão como em Curaçáo *lo* é o elemento formativo do futuro. Na Luisiania *té=était* serve para formar o imperfeito.

A preferencia dada n'esses dialectos aos pronomes regimens, que vêem occupar o logar dos pronomes sujeitos encontra-se entre nós no fallar das creanças e tem grande extensão nas phrases populares das nossas linguas europêas[1].

A propria selecção lexiologica, isto é, a preferencia dada a certos termos, manifesta a acção das mesmas leis geraes, das mesmas tendencias nas formações que estudâmos, apesar das differenças de raças e de meios; assim para significar fallar ou dizer encontrâmos em Ceylão, Curaçáo, archipelago de Cabo Verde, etc., a palavra *papiá*, o que é tanto mais interessante quanto esse termo não parece existir hoje nem em hespanhol nem em portuguez. O substantivo *mistê (mister)* em Ceylão, em Macau, em Curaçáo, no archipelago de Cabo Verde, tem o valor de um verbo significando ser preciso, ter necessidade de, dever. *Paraôde* e *promodi* (= por amor de) tomam em Macau, como em Santo Antão, o logar da conjuncção porque, de um modo independente; em quanto o *passóba (=por es'obra)* de Curaçáo nos lembra o *quamobrem* latino. *Assilai* por *tal* em Ceylão e Macau deve ter-se produzido tambem independentemente n'um e n'outro dialecto; a palavra é composta de *assi* (d'este modo) e *lai* por *laio*, que em portuguez significa especie, sorte, estofo, sentido desenvolvido do de *lã*.

A extensão já tão consideravel d'este artigo não nos permitte desenvolvermos mais completamente estas idéas, julgâmos porém ter ministrado sufficientes provas de que os dialectos creolos e formações similhantes não revelam influencia alguma directa, salvo no vocabulario, das linguas anteriores dos povos que os fallam, mas que se deve ver n'elles apenas o resultado da acção de leis geraes a que obedece por toda a parte o espirito humano.

O nosso *Estudo sobre a grammatica e o vocabulario do indo-portuguez* completará as nossas observações na parte comparativa[2].

---

[1] Vid. J. Storm, *Englische Philologie*, I, 207 ss.

[2] N'esse estudo tentaremos tanto quanto nos é possivel fazer com os materiaes que temos á nossa disposição, indicar as particularidades phoneticas do indo-portuguez, escondidas em grande parte sob a orthographia adoptada pelos missionarios inglezes, e que julgâmos não dever modificar no specimen que démos, reproduzido do folheto que contém *Orações, Dez Mandamentos, O sermão riba do montanha* (sem data nem logar de impressão).

A. 9521